

Lisboa, 1920—vida sindical e condição operária**

INTRODUÇÃO

1. O texto deste volume é a transcrição de uma série de três entrevistas com Emídio Santana, feitas em 24 de Fevereiro e 10 e 30 de Março de 1971, completadas com uma quarta entrevista, efectuada no Verão daquele mesmo ano.

As três primeiras entrevistas foram conduzidas por Luís Salgado de Matos, com a assistência ocasional de José Júdice; a última foi conduzida por Maria da Graça e António José Telo, com a participação de Luís Salgado de Matos.

A duração das quatro entrevistas rondou as dez horas.

2. As três primeiras entrevistas são o desdobramento de um questionário único. A quarta repete alguns dos tópicos anteriormente abordados. O entrevistado tinha conhecimento prévio dos tópicos a abordar, mas não das questões.

3. As entrevistas foram gravadas e transcritas e a transcrição revista pelos entrevistadores e pelo entrevistado, que a reescreveu parcialmente.

A revisão pelos entrevistadores visou a corrigir deficiências de gravação e esclarecer pormenores insuficientemente tratados na entrevista oral.

4. O texto das entrevistas foi editado no último trimestre de 1980 com o objectivo de facilitar a leitura, sem desperdiçar informação nem diminuir significativamente o valor documental.

Cerca de 90 % do material gravado foi aproveitado, eliminando-se apenas as repetições sem interesse. O texto foi sistematizado segundo um critério diferente do do questionário das entrevistas. As transcrições das quatro entrevistas foram fundidas, portanto, num texto único.

Procurou-se conservar a elegância e a facilidade do estilo oral do entrevistado. Fizemos, contudo, alguns ajustamentos menores. Certas respostas foram condensadas. Outras foram desdobradas.

O entrevistado reviu o texto final da entrevista. Em consequência desta revisão, efectuaram-se algumas correcções de pormenor.

A transcrição integral das entrevistas encontra-se no Arquivo Histórico da Classe Operária Portuguesa, no Gabinete de Investigações Sociais.

* Gabinete de Investigações Sociais, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

** Entrevistas com Emídio Santana, sob a responsabilidade do autor.

5. O texto da entrevista foi também trabalhado para enriquecer a leitura. Interpolaram-se no texto precisões e datas, assinaladas por parênteses rectos. O desdobramento de respostas vai também entre parênteses rectos e a eliminação de texto é referenciada assim: [...]

Acrescentaram-se notas de roda-pé, que consistem em curtas biografias de personalidades referidas pelo entrevistado ou em sínteses de acontecimentos importantes para a economia do texto e pouco conhecidos.

Dezembro de 1980.

Luís Salgado de Matos

1. BIOGRAFIA

— *Começaríamos por aspectos essenciais da sua biografia.*

— Nasci em Lisboa, na freguesia de Monte Pedral, em 4 de Julho de 1906, vivi em Lisboa. Meu pai era serralheiro e minha mãe dona de casa, doméstica.

— *Portanto está ligado desde a infância à condição operária?*

— Sim. Primeiro fui da metalurgia, carpinteiro de moldes. Depois fiz o curso industrial e dediquei-me ao desenho.

A FAMÍLIA E A ESCOLA

— *Teve alguma educação religiosa? Que escolas frequentou?*

— Nem eu nem os meus pais tivemos religião. Os meus avós eram todos católicos praticantes, mas há um corte com a geração dos meus pais e dos meus tios. A minha mãe foi criada num ambiente rico. O meu avô tinha um negócio de transportes, de carroças. Mas morreu novo, a minha avó não sabia administrar carroças e aquilo foi tudo por água abaixo. Nesta derrocada há o afastamento de toda a vida burguesa. Inclusive o afastamento da Igreja e dos abades que lá iam comer a casa. O meu avô paterno também era rico, mas a minha avó separou-se dele com o meu pai e veio para Lisboa. O irmão da minha mãe foi um destacado dirigente operário, Agostinho de Carvalho, que militou no Partido Socialista. Meu pai, embora não tendo uma cultura, era um operário consciente que acompanhara desde logo o movimento sindicalista, não tendo confiança nos partidos políticos, embora tivesse acolhido com entusiasmo a proclamação da República.

O meu ambiente familiar, na minha infância, era influenciado pelo movimento associativo operário e socialista e, pequeno, ouvia já o relato de acontecimentos que mais tarde vim a conhecer por outras vias.

Recordo-me do ambiente de entusiasmo da proclamação da República, depois o assalto à Casa Sindical¹, na Rua do Século, e das greves, da bomba do Carmo², etc. Meu pai saíra da Casa Sindical pouco tempo

¹ O assalto ocorreu de 30 para 31 de Janeiro de 1912, durante o Governo Augusto de Vasconcelos (PRP), e culminou a greve geral de solidariedade (Lisboa, Setúbal) com a greve dos trabalhadores rurais alentejanos. Foram feitas várias centenas de presos.

² Uma bomba anónima deflagrou num cortejo de homenagem a Camões que subia a Rua do Carmo (Junho de 1913). A cauda era formada por desempregados. A explosão provocou mortos e feridos. O Governo Afonso Costa I (PRP) atribuiu

antes de começar o cerco pelas tropas, mas um afilhado da minha tia, que naquele tempo deveria ter cerca de 20 anos e era anarquista, foi lá preso. Recordo, quando saiu, a alegria no ambiente familiar e círculo de famílias amigas.

Quando cheguei à idade escolar, a primeira escola que frequentei foi a escola da Confederação Metalúrgica, mantida pelas associações sindicais e profissionais da metalurgia, porque o meu pai era metalúrgico e filiado. Era um primeiro andar na Rua do Infante D. Henrique, a S. Tomé, na entrada da Rua dos Cegos. Estive lá só quinze dias porque a minha mãe quis que eu fosse primeiro para o Escola-Oficina n.º 1, no Largo da Graça.

Da primeira escola recordo o hino que nós cantávamos, a *Escola Moderna*, na música d'*A Internacional*, e que começava assim:

*Ó pais que amais as criancinhas
Com amor idolatrado
Olhai o voo das avezinhas...*

e mais não recordo. Era frequente ver lá o Júlio de Matos, militante metalúrgico, figura de atleta, com quem mais tarde vim a acamaradar no movimento sindicalista.

A PRISÃO E A IMPRENSA

— *Quais os motivos que o atraíram para a vida sindical?*

— [...] E um dos casos que muito me impressionaram foi o célebre caso da bomba do Carmo nos princípios da República; a seguir dá-se a prisão de vários elementos operários, entre eles o meu tio, juntamente com o Alexandre Vieira³ e o Pinto Quartim⁴, que morreu há uns dois ou três anos, e eu fui visitar o meu tio ao Limoeiro e impressionou-me bastante tudo aquilo.

Além desta curiosidade, dá-se depois a guerra. Todos aqueles acontecimentos da guerra entusiasmavam a minha mocidade; eu lia os jornais com interesse de saber a marcha das operações, até que surge a Revolução Russa. A Revolução Russa fazia-me um certo mistério, porque o noticiário da imprensa falava, como se pode supor, que a Revolução Russa eram os terroristas da época, que tinham feito isto, matavam toda a gente, destruíam tudo. Até que uma vez ouço o meu pai dar uma explicação de quais eram os objectivos da Revolução Russa, e isso impressionou-me extraordinariamente. Daí para diante eu já passei a ter a preocupação de conhecer todos os aspectos da Revolução Russa.

o deflagramento ao movimento sindical e usou-o como pretexto para efectuar prisões e encerrar a segunda Casa Sindical.

³ 1884-1973. Tipógrafo, jornalista, revisor tipográfico. Militante sindical. Director de *A Greve* (1908) e de *O Sindicalista* (1911-15). Secretário-geral da UON (1919) e primeiro redactor-principal do diário desta central sindical, *A Batalha*. Autor de bibliografia sobre o movimento sindical português.

⁴ Rio de Janeiro, 1887-Lisboa, 1970. Jornalista. Expulso da Universidade de Coimbra após a greve académica de 1907, recusa o indulto régio. Jornalista de *O Século*, em 1910, d'*A Batalha* e de *O Primeiro de Janeiro*, cuja delegação em Lisboa veio a chefiar. Dirigiu o semanário anarquista *Terra Livre* (1913). Deportado (1913-15). Fundador do Ateneu Popular.

Entretanto, em princípios de dezanove começa-se a publicar o jornal diário *A Batalha*. É desde esta ocasião que passo a ser leitor assíduo d'*A Batalha* de todos os dias, porque o meu pai trazia *A Batalha* e eu à noite a primeira coisa que fazia era ter que ler *A Batalha* de ponta a ponta.

Comecei-me a impressionar com essas coisas. Na escola ainda me lembro que era meu companheiro o filho do Manuel Joaquim de Sousa ⁵. O primeiro companheiro de escola que eu tive foi o filho do Neno Vasco ⁶. E depois começámos a aprender o hino d'*A Batalha*, *A Internacional*, e na escola primária ensinávamos aos outros garotos a cantar *A Internacional*.

— *Que obras culturais o influenciaram nessa época?*

— [...] A Revolução Russa. E toda aquela colecção sociológica da Guimarães. Obras sobre sindicalismo, socialismo... Ainda hoje encontramos, ao acaso, em muitas casas e nos alfarrabistas volumes dessa colecção. Era muito lida pelos operários.

A PROFISSÃO E O SINDICATO

— *A sua actividade militante relaciona-se com a entrada no mundo do trabalho?*

— [...] Aos 14 anos entrei na vida operária e filiei-me logo no meu sindicato, o dos Metalúrgicos. Entretanto faço o curso industrial à noite... Recordo-me que fui eleito secretário-geral do Sindicato com 19 anos de idade e fui representá-lo ao Congresso Confederal de Santarém [1925]. Eu era o delegado mais novo ao Congresso [...] Vieram dois delegados espanhóis, um dos quais foi depois ministro durante a República [...].

Em 1920, tinha 14 anos, iniciei a minha vida de trabalho, sendo admitido como aprendiz de carpinteiro de moldes na casa Street, na Rua do Poço dos Negros, no edifício do Palácio da Flor da Murta, cujas oficinas ficavam na parte dos jardins, por detrás. E, como aprendiz, comecei logo a ligar-me com os operários adultos, profissionais, que alinhavam pelo Sindicato, e já arriscava a minha opinião.

Noutra casa em que trabalhei, de camaradagem com um carpinteiro, Artur de Freitas, militante anarquista, fazia mesmo a propaganda e a crítica dos que não alinhavam sindicalmente. Em 1924, quando já estava quase a concluir o curso industrial nocturno, filiei-me nas Juventudes Sindicalistas ⁷, na secção que funcionava junto do meu Sindicato.

Poucos dias depois de estar filiado tomei parte numa assembleia do núcleo de Lisboa, cuja sede era na Calçada do Combro, no edifício d'*A Batalha*, conhecido pelo Edifício do Correio-Mor, e fui eleito secretário da propaganda.

Uma das minhas primeiras iniciativas foi a organização da Conferência das Juventudes de Lisboa, em que se debateram vários problemas

⁵ Porto, 1885-Lisboa, 1944. Operário manufactor de calçado. Militante anarquista e sindical. Secretário-geral da CGT e redactor principal d'*A Batalha*. Autor de numerosos artigos e de *O Sindicalismo em Portugal*.

⁶ Pseudónimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Vasconcelos (1878-1920). Licenciado em Direito, exerceu a profissão de correspondente de línguas estrangeiras, que considerava mais adequada aos seus princípios anarquistas. Intelectual anarquista, autor de numerosos artigos jornalísticos. Morreu tuberculoso.

⁷ Organização anarco-sindicalista muito activa durante a Primeira República, recorrendo à acção directa. Constituiu-se em Janeiro de 1913, resultando da Juventude Libertária (1912). Tinham sede na Rua do Arco da Graça, 4, 2.º, em Lisboa.

relativos tanto à organização juvenil como aos problemas da própria juventude, como o do desporto, que então começava a atrair o entusiasmo da gente nova.

Em 1925, quando deixara de ser secretário-geral do Sindicato Manuel Gonçalves Vidal, militante de destaque no movimento confederal e que chegou a contrastador da Casa da Moeda, a juventude sindical quis mostrar aos adultos que também tinham capacidade de militantes e conseguiram eleger-me secretário-geral.

É certo que foi um velho militante, Francisco Viana, que me propôs depois de alguns militantes não terem aceite o cargo. E por isso fui nesse mesmo ano eleito para a delegação do Sindicato ao Congresso Confederal de Santarém.

Em 1926 era secretário-geral da Federação das Juventudes Sindicalistas, quando se realizou o 2.º Congresso das Juventudes, e fui reeleito no próprio Congresso.

Quando, em 1925, se deu a retirada da CGT dos Sindicatos dos Arsenalistas e dos Portuários (não todos) e eu era secretário-geral do meu Sindicato, tive de enfrentar sozinho os partidários da Internacional Sindical Vermelha numa confraternização no Sindicato dos Arsenalistas da Marinha, por ocasião do seu aniversário.

Tinha falado o António Peixe, que era um militante de grande nível e dote oratório; o Júlio Luís, espirra-canivetes e, embora sem ser de dotes relevantes, muito experiente, o Joaquim Cardoso, sempre resmungão, e outros tinham feito a crítica da posição anarco-sindicalista.

Tive ali de estabelecer polémica. Recordo que o Miguel Correia, notável militante dos ferroviários do Sul e Sueste, que, sindicalista, era partidário da ISV, me abraçou e, voltando-se para os outros, comentou a sorrir: «O rapaz já chega para as ratas velhas!»

Nesse tempo havia ainda uma cordialidade e muitos pontos de contacto mesmo com os comunistas marxistas confessos, porque então ainda pensavam em socialismo; hoje pensam apenas em termos de ditadura como sinónimo de socialismo.

A DITADURA E AS PRISÕES

Nesta altura, a União dos Sindicatos Operários de Faro elegeram-me seu representante no Conselho Confederal da CGT. Quando do 28 de Maio, era já militante do Conselho da CGT e continuei na fase clandestina, mesmo quando estava na vida militar.

E, como passei a ser assinalado como militar aparecendo nos meios sindicais e a acompanhar com militantes pela Polícia de Informação, fui preso na célebre noite de 16 de Fevereiro de 1928, quando da fracassada tentativa do Governo do general Vicente de Freitas fazer a «paz política» com as classes trabalhadoras organizadas sindicalmente.

Estive preso na esquadra de Arroios, depois transitei para a Casa de Reclusão Militar da Trafaria e dali fui para o Depósito Disciplinar de Elvas. Saí em Setembro de 1928, sendo abatido ao efectivo do Exército por bolchevista, a única coisa que não lhes perdoo.

Nesse ano assumi o lugar de secretário da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, clandestina, aguentando todo o trabalho de divisão dos comunistas, que nessa altura começavam a aparecer com número e re-

curso de organização partidária e a fazer a desagregação do movimento sindicalista, criando a Comissão Intersindical, subordinada do Partido.

Aguento a semiclandestinidade e a clandestinidade, a primeira ainda nos sindicatos que funcionavam, a segunda nos organismos federativos, como a Câmara Sindical e a Federação Metalúrgica e Mineira, de que era também secretário.

Em 1931 sou preso numa tipografia clandestina da Juventude Sindicalista e da Aliança Libertária, uma organização anarquista de carácter mais dilatado, de base municipalista, cuja concepção foi absolutamente comprovada mais tarde na Revolução Espanhola.

Em princípios de 1933 fui novamente preso, por ter sido localizada a minha residência no Bairro América, por estar envolvido no processo da FARP [Federação Anarquista Regional Portuguesa], membro da FAI. Nesta altura fui julgado e condenado no Tribunal Militar Especial em um ano de prisão.

O artigo da lei de excepção em que estava incurso era de condenação em dois anos, que mais tarde foi aumentada para três, mas, como não havia apreensão de arquivos nem havia extensão de prisões relacionadas, o Tribunal condenou-nos apenas em um ano a cada um. Mas nesse mesmo ano, faltavam-me apenas quatro meses para acabar a pena, fui deportado para os Açores, indo inaugurar o Depósito de Deportados de Angra do Heroísmo, onde estive ainda cerca de oito meses.

O movimento grevístico do 18 de Janeiro de 1934 deu-se quando estava em Angra. Quando regresssei, as prisões estavam cheias de militantes, que seguiram depois para o Tarrafal. Dias antes tinha sido preso o meu cunhado, que era então o secretário-geral do Comité Confederal da CGT e que andava há tempo na clandestinidade, Manuel Henriques Rijo. Ocupei o seu posto.

Tinha sido apreendida a tipografia d'A *Batalha*. Em Janeiro de 1935 reaparecia *A Batalha*, clandestinamente, com uma tipografia montada pelo Joaquim Costa e eu, com uma máquina de impressão construída inteiramente por ele.

De então até Outubro de 1937 andei sempre na clandestinidade, tendo entretanto ido participar no Congresso da CNT, em Saragoça, nas proximidades do começo da Guerra Civil.

Coincidindo com a Guerra Civil de Espanha, desenvolve-se a acção que tem como factos mais salientes as bombas do dia 20 de Janeiro de 1937 e o atentado ao Salazar⁸.

2. ACÇÃO SINDICAL

— *Vamos dividir o tratamento dos sindicatos em dois aspectos: primeiro, as actividades que desenvolviam, depois a organização que tinham. Para nos situarmos melhor, começo por perguntar que sindicatos é que conheceu.*

— Primeiro, aquele a que pertenci: o sindicato único das classes metalúrgicas de Lisboa, de que fiz parte até ao seu desaparecimento com a fascização dos sindicatos. Mas, de resto, conheci muitos outros sindicatos,

⁸ Cf. Emídio Santana, *História de Um Atentado. O Atentado a Salazar*, Publicações Forum, L.da, 225 pp., 1976.

porque a nossa actividade sindical era num ambiente total de organização e a gente convivia com militantes de todas as classes. Conheci portanto todos os sindicatos de Lisboa, os maiores conhecia a actividade deles: os fabricantes de calçado, a construção civil, os mobiliários, o pessoal da Imprensa Nacional, os gráficos, etc.

CONTACTOS ENTRE SINDICALISTAS

— *Onde é que estabeleciam esses contactos?*

— A organização sindical era estabelecida do seguinte modo: a base era o sindicato de indústria; ou, raramente, o sindicato profissional, porque a organização sindicalista logo desde o seu começo procurou sempre inclinar-se para os sindicatos de indústria — só nos casos em que as profissões eram identificáveis e autónomas é que surgia o sindicato profissional. A seguir havia as uniões de sindicatos locais, para tratar dos assuntos que interessavam a todos os trabalhadores dum modo geral, e havia as federações de indústria, que relacionavam os sindicatos da mesma indústria de todo o país. Depois havia a Confederação Geral do Trabalho.

Ora bem, na União dos Sindicatos Operários, todos os sindicatos tinham contactos; os militantes dos sindicatos tinham contactos permanentes porque a União reunia com frequência. Depois havia as reuniões das federações de indústria, onde a gente encontrava delegados doutras localidades. Havia as reuniões do Conselho Federal, havia os próprios comícios, reuniões públicas sob pretextos vários. Os militantes estavam pois em contacto constante.

SINDICATOS E NÃO SINDICALIZADOS

— *Depois desta abordagem, que tipos de relações é que os sindicatos tinham com os não sindicalizados? Qual era, em linhas gerais, a percentagem de sindicalizados? E como é que essa percentagem variava de profissão para profissão?*

— Em certas classes houve sindicatos que conseguiram associar a maioria da classe; outros não. Mas isso não obstava, porque os sindicatos, mesmo que não tivessem a maioria, exerciam uma influência directa no meio operário e, quando um sindicato tomava uma deliberação de interesse para a classe, se não se fazia logo acatar, depois, a influência dos militantes sobre os outros operários, nos locais de trabalho, levava-os a acatarem essa decisão.

Era o caso das greves. Quando se preparava uma greve, ela não surgia de repente, era a própria ebulição da classe que havia de dispor os espíritos a aceitar a ideia da greve. E, quando a greve surgia, já os espíritos estavam mais ou menos preparados, porque nas oficinas, nos locais de trabalho, os que eram sindicalizados preparavam o ambiente.

Os sindicatos dominavam. E, se, por vezes, havia reacções de grupos de operários que não eram sindicalizados — como era o caso dos fura-greves, chamados «os amarelos» —, ao fim e ao cabo «os amarelos» acabavam por ficar estigmatizados no meio da classe, além de levarem a sua tareizinha quando era oportuno ou sofrerem um percalço maior...

— *Que percalço maior além da tarefa?*

— Às vezes não os aceitavam no local de trabalho, ou tornavam-lhes a vida tão difícil que eles tinham de se ir embora. É porque se criou um

espírito dentro das classes trabalhadoras, que se controlavam propriamente; havia uma autodisciplina, criada pelos próprios operários. Muitos podiam não estar sindicalizados, mas enquadravam-se dentro daquele espírito de reivindicação, de solidariedade uns com os outros, e aqueles que não correspondiam eram sempre criticados e ficavam em má situação.

FACTORES CONDICIONANTES DA TAXA DE SINDICALIZAÇÃO

— *Quais eram as profissões ou indústrias em que havia mais pessoas sindicalizadas?*

— Eram os metalúrgicos, a construção civil, os marítimos — de longo curso especialmente, o pessoal de docas, que até tinha um regime de trabalho em condições que ainda hoje não se explicam bem e que eram exercidas através do Sindicato —, os ferroviários, os arsenalistas, o pessoal dos tabacos, os sapateiros, os gráficos, também com grande espírito de organização. As classes mais refractárias situavam-se nas indústrias fabris — fábricas de produtos químicos ou coisas assim.

— *Agora perguntas de interpretação: acha que nas profissões mais bem pagas havia menos sindicalizados ou não?*

— Havia esta coisa curiosa: as classes mais sindicalizadas eram as de maior nível cultural e económico. Por exemplo, os metalúrgicos e os gráficos eram classes de certo nível intelectual e económico e eram fortemente sindicalizados.

E ainda se notava uma outra coisa e mais curiosa: é que, mesmo dentro das classes, os militantes que se destacavam eram, no geral, os que tinham melhores condições económicas e um nível cultural maior, mesmo nas classes menos especializadas e de mais baixo nível económico.

Veja-se que, por exemplo, nos metalúrgicos, os militantes mais destacados eram dos ourives, dos carpinteiros de moldes — uma das profissões que era a aristocracia dos metalúrgicos, de que eu fiz parte —, eram os torneiros — classe que já tinha necessidade duma certa preparação profissional.

Na construção civil, por exemplo, uma classe que tem uma parte muito grande de operários não especializados, os militantes destacavam-se nas classes mais especializadas: os carpinteiros e os canteiros em especial, os pedreiros de certo modo.

Nos gráficos, a classe que mostrava mais ascendência sindical eram os compositores tipográficos — nessa penso que ainda não havia linotipistas —, mais do que os próprios impressores.

Nos ferroviários, alguns dos militantes mais notáveis não eram do pessoal de via e obras, eram do pessoal de escritório, de estações, de serviços de material.

— *Havia mais operários sindicalizados nas fábricas grandes do que nas oficinas ou não?*

— Mais. É evidente que, onde há maior concentração operária, o espírito de solidariedade se desenvolvia, sentiam-se mais apoiados uns nos outros, enquanto, nas pequenas oficinas, a presença do patrão — o seu contacto diário — fazia com que o espírito de reivindicação não fosse tão vivo, as pessoas não se sentissem tão dispostas para a luta.

— *Havia sindicalismo das classes médias?*

— Havia. Havia, por exemplo, o Sindicato dos Empregados de Escritório. Já vem do tempo da Monarquia, alguns dos seus elementos foram

figuras destacadas do movimento confederal, entre os quais Eduardo Laranjinha, sócio da casa Amadeu Gaudêncio, recentemente falecido. Havia também os empregados do comércio, os telefones. Os contabilistas estavam no Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria. Os bancos eram então pequenos, com poucos empregados, havendo poucos sindicalizados; seguros a mesma coisa; estavam ambos nos empregados de escritório.

Havia «colarinhos brancos» dispersos. Houve um elemento sindicalista de grande notoriedade, naquela fase de formação do sindicalismo em Portugal, que era engenheiro diplomado por uma escola inglesa, o Jorge Coutinho. Entre os engenheiros não apareceu muita gente.

Um sindicato bastante importante era a União dos Professores Primários, que chegou a ser aderente à CGT.

Depois constituiu-se a Associação dos Professores de Portugal, dos professores do ensino médio e universitário, muito mais fraca, mas que também aderiu à CGT.

Apareceram alguns advogados isolados.

A EVOLUÇÃO DA FORÇA SINDICAL

— *Poderia sintetizar a evolução da força dos sindicatos durante a Primeira República?*

— Bem, vamos mesmo mais para trás. No final do século passado ainda predominavam as associações de classe, que eram de base profissional. Os sindicatos tinham certa influência. O final do século foi activo em greves, em agitação — e é então que se conduz a reacção revolucionária, quando começam a aparecer entre nós as ideias do sindicalismo francês, quando se torna mais viva a crítica dos anarquistas aos socialistas.

São memoráveis as sessões que se davam frequentemente na Caixa Económica Operária, de que eu já me não posso recordar, mas que ouvia porque um tio meu era do Partido Socialista, o meu pai, não sendo militante, simpatizava com o movimento sindicalista, e, portanto, pessoas da minha família estavam no movimento sindicalista e eu ouvia aqueles debates. Aquilo foi vivo.

Logo no princípio do século, quando começa a desenvolver-se a propaganda sindical e os sindicatos começam a transformar-se — criando-se sindicatos de indústria —, há um aumento da vida sindical. Eu recordo-me, por exemplo, quando foi a constituição do Sindicato dos Metalúrgicos, que se reuniram uma quantidade enorme de associações: dos Fundidores, dos Serralheiros, dos Torneiros, dos Latoeiros, dos Carpinteiros de Moldes. Foram forças novas que se criaram.

Mas logo ali vimos que a própria greve geral de Janeiro de 1912 deu um impulso grande. E o encerramento da Casa Sindical, na Rua do Século, embora tivesse motivado um certo abrandamento da acção conjunta das classes, no entanto a vida sindical de cada classe começou outra vez a desenvolver-se e veio novamente em breve a encontrar-se na Central dos Sindicatos, na Rua dos Prazeres.

E, quando a guerra de 1914 rebentou, havia uma efervescência grande; quando começam a produzir-se os efeitos da guerra — o aumento do custo de vida, a desproporção dos salários, a falta de géneros —, a organização sindical enfrenta-os e cresce extraordinariamente a ponto de podermos

considerar o ano de 1922 como o momento mais elevado do movimento sindical.

É talvez quando o número de aderentes da CGT deve ter sido mais elevado. Produz-se, ao mesmo tempo, ao lado do movimento sindical de base industrial, um movimento sindical de base agrária: os camponeses do Alentejo, que foram um sector bastante vultoso da organização. Os sindicatos rurais no Alentejo andavam à volta de 30 ou 40.

O período de 1919, que é a criação da CGT, leva a organização a completar quadros. Começa-se a pensar nos conselhos de fábrica e de oficina, começa-se a pensar em organizações complementares com vista à gestão sindical da produção: o que hoje se chama autogestão era já nesse tempo um motivo de preocupação para a organização. E vemos que as teses dos congressos da Covilhã (1923) e de Santarém (1925) definem já tudo o que se previa como indispensável para a gestão sindical da produção.

— *Esses conselhos de fábrica destinavam-se a substituir os patrões ou, enquanto os patrões existissem, a combatê-los?*

— A ser já a organização de base dentro da fábrica. Ao sindicato — era o que nós dizíamos — não bastava a sede e a bandeira; era preciso que a organização se radicasse no local de trabalho. A preocupação que levou à criação dos conselhos de fábricas e de oficina era começar a organizar os operários e pô-los a decidir os seus destinos dentro da própria fábrica, com vista à sua capacitação. Tinham, portanto, uma função dupla: era a função reivindicativa, a função de organização dos trabalhadores no local de trabalho, mas a preparação para uma gestão sindical da produção em condições revolucionárias.

É nessa época também que a CGT organiza a célebre Liga Operária de Expropriação Económica (LOEE), que tinha por fim planificar os objectivos da produção.

LUTA SINDICAL: ECONOMIA E LEGALIDADE

— *A seguir passaríamos para a problemática da luta sindical: lutas legais e lutas ilegais, lutas políticas e lutas económicas. Os sindicatos preocupavam-se muito com a legalidade? Ou preocupavam-se pouco?*

— Ora bem. Embora os sindicatos, especialmente durante a Primeira Grande Guerra, se empenhassem bastante nas lutas económicas, também se empenharam naquelas lutas de ordem geral que interessavam ao nível da população. E, a par das greves e das reivindicações específicas de classe, as acções operárias foram bastante vultosas em vários campos, nomeadamente na luta contra os monopólios.

O célebre problema do pão foi um problema de lutas sérias — greves gerais —, chegando-se ao ponto de essas lutas assumirem um carácter nitidamente político. Veja-se quando foi da União dos Interesses Económicos. Os sindicatos enfrentaram esta União dos Interesses Económicos, solidarizando-se com outros movimentos sindicais, por exemplo, as cooperativas. Na altura existia uma Federação Nacional de Cooperativas que veio a público, solidarizando-se com os sindicatos.

Esse movimento contra a União dos Interesses Económicos teve também o apoio daquilo que se chamava a União das Juntas de Freguesia — que eram organismos políticos do Estado, eleitos por sufrágio directo, onde dominavam os partidos políticos, que por vezes estavam na oposição,

tomando então posições mais claras⁹. Era um movimento nitidamente político.

E o mesmo sucedeu com as deportações, aquando dos golpes de reacção contra a República, em que o movimento sindical veio para a rua...

— *E a massa operária seguia essas lutas não económicas?*

— Seguia. Houve greves gerais de carácter político que tiveram lugar e com certo êxito.

— *Os sindicatos preocupavam-se com problemas de legalidade, de ilegalidade?*

— Sim. Aquela célebre lei de 1891, que instituiu o direito de associação, vigorava para os sindicatos. Os sindicatos, quando se constituíam, apresentavam os seus estatutos, creio que ao Ministério do Interior, e o Ministério passava um diploma. Era frequente vermos nos sindicatos, na parede, o próprio diploma.

Obedecia-se a isto quase por automatismo, sem preocupação de maior. Já não eram reconhecidos por lei todos os organismos de 2.º grau — uniões locais, federações de indústria, a CGT —, que existiam na mesma.

A organização não se preocupava com os assuntos de carácter legal. Tratava com o Governo se tinha de tratar, não tratava se não tinha de tratar. No geral, os problemas de lutas económicas não eram com o Governo, eram com o patronato, através da Associação Industrial Portuguesa — que nesse tempo era muito falada porque era a que aparecia sempre a servir de impacto às greves. Às vezes é que o Estado intervinha.

Os sindicatos preocupavam-se pouco com problemas legais, até porque tinham abandonado o apoio à acção política parlamentar.

— *Quando havia uma luta, todas as classes — empregados de escritório, professores primários, operários, etc. — se misturavam?*

— Às vezes sim, às vezes não. No geral, quando se produzia uma greve numa indústria — os metalúrgicos, por exemplo —, os empregados de escritório, em número reduzido, em contacto permanente com o patrão, tinham poucas possibilidades. Mas nas greves gerais já as coisas tomavam outro aspecto: parava tudo. Nas greves de classe, essas separações produziam-se.

OS SUJEITOS DAS LUTAS

— *Quais eram as actividades-tipo dum sindicato? Nas relações com os patrões, com quem é que o sindicato vai negociar e combater: com o patrão individual? Com uma associação do patronato global?*

— Davam-se diversos casos. Muitas vezes eclodiam conflitos em casas isoladas. Então aparecia logo o sindicato em contacto com o patrão. No geral, também se faziam as comissões operárias da fábrica, que tratavam com o patrão, tendo o apoio do sindicato.

A construção civil, quando apresentava reivindicações, dirigia-se à Associação dos Mestres de Obras, a não ser que houvesse conflitos locais com patrões. Os corticeiros, os metalúrgicos, era tudo com a Associação Industrial Portuguesa. Os empregados de escritório nunca tiveram greves, acompanhavam as greves gerais.

⁹ Órgão dominado pelos elementos mais radicais do PRP, que, por várias vezes, funcionou como grupo de pressão sobre o Governo durante a Primeira República.

— *Quem é que decidia se havia greve ou não?*

— Ou as greves eram produzidas pelo sindicato da indústria ou da profissão. Se as greves iam para além da localidade, eram com a federação da indústria ou criavam-se comités de emergência. Faziam-se reuniões magnas da classe, normalmente num recinto público, em que participavam todos os trabalhadores, e não só os sindicalizados. A decisão de ir para a greve nunca era tomada numa reunião burocrática da direcção — havia sempre uma reunião de massa.

Como já se sabia o espírito da classe, havia uma pessoa que na reunião apresentava a proposta de se ir para a greve. Depois escolhia-se um comité da greve, que era secreto, pois assim evitava-se que a polícia atacasse as direcções dos sindicatos. E era o comité da greve que movimentava as comissões que iam fiscalizar as fábricas ou ia mesmo para a acção.

— *Uma outra coisa de que hoje se fala muito na Europa: as «greves selvagens», greves promovidas pelos operários contra os sindicatos ou à margem deles.*

— Em Portugal nunca se obedeceu à regulamentação da greve. Quando havia uma certa efervescência, o sindicato promovia uma reunião da classe para «a resolução dos problemas». Não se dizia que era para decidir a greve. Reunia-se a classe para apreciar o estado das reivindicações, e então votava-se a greve.

Nunca tivemos greves contra os sindicatos. Podia suceder — e sucedia algumas vezes — é que os militantes achavam que a greve não era oportuna naquele momento e a classe, efervescente, acabava por votar a greve contra a opinião dos militantes.

— *Não sucedia por vezes começar uma greve, numa fábrica dada, sem o conhecimento da direcção do sindicato?*

— Davam-se casos desses. Então a direcção do sindicato ouvia logo os operários interessados e ia ao encontro deles.

— *Normalmente, as classes iam para a greve antes de negociarem com os patrões ou negociavam antes com eles?*

— Já havia negociações, as reclamações já tinham sido postas. Só depois de se sentirem determinadas resistências é que se declarava a greve. As greves de ordem geral — promovidas pelas uniões ou federações — eram decididas nas reuniões dos seus conselhos e os delegados dos sindicatos vinham com votos expressos para aprovar ou recusar a greve geral.

— *Os sindicatos recorriam à arbitragem?*

— Sim. Havia até o Tribunal de Árbitros Avindouros, cujo júri era composto de árbitros operários e patronais, com um juiz. Mas os sindicatos raramente ou nunca recorriam ao Tribunal de Árbitros Avindouros. Os operários, isoladamente, é que recorriam, em casos de acidentes de trabalho, ou quando as casas faliam, para pagamento de salários atrasados. Os problemas de classe com o patronato nunca iam ao Tribunal dos Árbitros Avindouros. Eram sempre regulados entre os sindicatos e os patrões ou as associações patronais.

Em certos casos dava-se a intervenção do Estado; nestes casos, geralmente, o Estado tomava o partido do patronato, mas às vezes procurava a contemporização. Então às vezes davam-se conflitos sérios com intervenção armada: ferroviários, telefones, tabacos.

O DESENROLAR DA GREVE

— *Suponhamos que se desencadeou uma greve. Que fazem os operários? Onde se concentram? Ocupam as fábricas?*

— O primeiro gesto da greve era o não entrar. As greves declaravam-se a várias horas: tanto podia ser à noite, como à tarde, como de manhã. Declarava-se a greve e já estava tudo preparado: as comissões de greve, os grupos que iam controlar as partes da fábrica para não deixar os «amarelos».

O pessoal juntava-se todos os dias na sede do sindicato, que estava permanentemente aberto. Havia sempre debates, conversas, troca de informações sobre o estado das negociações.

Era frequente vir logo a Polícia e encerrar a sede dos sindicatos. Nessa altura, os comités de greve ficavam na área do sindicato e vigiavam as fábricas. Os operários iam para as sedes doutros sindicatos.

— *Conhece alguma greve em que tenha havido ocupação de fábricas?*

— Em Portugal deu-se isso quando foi o 18 de Janeiro de 1934, na Marinha Grande. Não se deu mais nenhuma ocupação, embora fosse uma coisa de que se falava.

— *Porque é que nunca efectivaram?*

— Bem, é que o nosso hábito era fazer a greve da parte de fora da fábrica. A tomada da fábrica só se os operários pudessem barricar-se.

— *A Polícia consentia os piquetes de greve?*

— Às vezes tolerava, mas, se os conhecesse, ia sobre eles.

— *A Polícia sabia normalmente quando é que as greves eram declaradas?*

— Sabia, isso sabia.

— *E não mandava polícia para as portas das fábricas atingidas?*

— Mandava logo guarda-republicana e polícia a patrulhar o sítio das fábricas, dispersando as concentrações de operários. Mas o pessoal dava uma volta e regressava. Quando os espíritos estavam mais exaltados, sempre aparecia uma bomba contra a polícia. Quando era mais necessário, a organização dos grupos de acção entrava logo a movimentar-se.

GREVE E ACÇÃO VIOLENTA

— *E sabotagens?*

— Eram muito frequentes. Nos ferroviários, as sabotagens eram indispensáveis. Nos Correios também; a greve dos Correios que se deu em 1922 foi uma greve bastante grande. Mas mesmo nas classes, quando se podia, destruía-se um motor. Era frequente.

Mas uma greve ferroviária não era possível sem a sabotagem prévia, porque punham a tropa a fazer a circulação. Eram desastres autênticos. Mesmo nas greves gerais faziam-se sabotagens. Era frequente tentar sabotar as centrais eléctricas por causa dos eléctricos — a central eléctrica da Carris era ali em Santos —, cortes de fios, etc.

— *Os operários da Carris eram activos sindicalmente?*

— Tiveram duas fases. Tiveram uma fase activa, que foi talvez a de 1921-22, mas, como a Carris era onde desembocava muito pessoal da província, sem a necessária preparação sindical, metido por apadrinhamentos — sobretudo o pessoal circulante, o pessoal de rua —, normalmente fraquejava.

Pessoal dinâmico era o das oficinas e das gares, o pessoal circulante claudicava — por isso tinha que se ir logo para a sabotagem dos eléctricos, etc.

— *Duma maneira geral, os operários vindos da província, do meio rural, tinham menos preparação sindical do que os operários naturais de Lisboa e das grandes cidades?*

— Sim, isso era verdade.

— *Outro aspecto da acção violenta: em que circunstâncias recorriam a atentados?*

— Quando a acção repressiva do Estado se fazia sentir ou quando as greves se prolongavam, e então era preciso forçar a classe patronal a ceder.

— *O que é que era considerado uma greve longa?*

— Uma greve, a partir das três semanas de paralisação, começava a criar disposições para se entrar na violência. Mas há greves que duraram meses. Uma das mais prolongadas foi a dos marceneiros, da indústria do mobiliário, quando se constituiu a Confederação Patronal Portuguesa.

A Associação Industrial não era suficientemente combativa, e então formaram uma Confederação Patronal que tinha por intenção excitar as forças contra o movimento sindical.

Era até presidente da Confederação Patronal um antigo militante dos ferroviários, o Sr. Sérgio Príncipe, que foi depois vítima dum atentado, ali na Madalena. Não morreu nessa ocasião, mas ficou com os órgãos sexuais mutilados devido às facadas que lhe deram. Ficou inutilizado e a Confederação Patronal desapareceu.

Essa luta foi bastante prolongada, porque a Confederação Patronal estava a exercer pressão para que não se resolvesse a luta. As duas greves dos ferroviários de que me recordo também foram prolongadas.

MANIFESTAÇÕES E GREVES DE SOLIDARIEDADE

— *Faziam manifestações durante as greves?*

— Às vezes faziam-se. Faziam-se as concentrações, reuniões habituais, comícios. Quando as greves começavam a tomar um aspecto precário, as uniões de sindicatos e as federações começavam a promover agitação tendente à preparação de greves de apoio.

— *Havia muitas greves de apoio? Eram seguidas?*

— Sim, havia muitas e eram seguidas. Há casos curiosos que não deixo de relatar: a greve dos mineiros de Aljustrel em 1921 ou 1922, em que a empresa belga estava renitente, aquele pessoal estava fortemente pressionado pelas autoridades, pelas violências da GNR.

E aquela gente aguentava: era toda aquela povoação e mais algumas que estão à volta em greve e em luta. Nesses casos logo as organizações locais e federais começam a agitar. *A Batalha* fazia campanhas a esse respeito.

Essa greve durou bastante tempo e os grevistas estavam em difícil situação económica. A CGT lançou um apelo e partiu uma comissão de Lisboa que foi retirar de Aljustrel as crianças todas, que vieram num comboio para Lisboa e foram recolhidas em casas de pessoas. Assim, os mineiros de Aljustrel puderam ficar a lutar sozinhos.

E com os mineiros de S. Pedro da Cova foi a mesma coisa. Foram dois casos de solidariedade que tiveram muita ressonância.

— *De que é que os operários em greve viviam?*

— Os sindicatos nunca lhes pagavam nada. Aqui em Portugal nunca se aceitaram de bom grado os cofres de resistência, muito característicos especialmente do movimento sindical britânico e alemão — e com certa lógica, porque então punha-se em causa o espírito de luta.

— *E como é que a população encarava os grevistas?*

— Dependia. Às vezes tinham simpatia, quando não afectava os interesses da população; por exemplo, uma greve de metalúrgicos, uma greve da construção civil, uma greve de corticeiros, não afectavam a vida quotidiana, eram vistas com simpatia ou indiferença.

Mas uma greve dos eléctricos ou dos padeiros era diferente: uma greve dos padeiros vinha geralmente seguida dum aumento ou duma tentativa de aumento do preço do pão.

Mas, no caso dos padeiros, a organização tinha conseguido manter uma certa pressão, conseguindo o «pão político». Mas a dos eléctricos afectava logo a população, que reagia um bocado mal — a não ser que fosse consequência duma greve geral, com um objectivo mais concreto, e então já aceitava melhor.

As duas greves de ferroviários que eu conheci, numa, a dos ferroviários da CP, deu-se até um movimento de opinião favorável e eu recordo-me que se fez uma «cozinha comunista» que fornecia alimentação aos grevistas, faziam-se subscrições, havia muita gente.

A POLÍCIA E OS SINDICATOS

— *A República chegou a ter alguma polícia política de repressão?*

— Teve, teve.

— *Desde o princípio?*

— Pois, era a Polícia de Segurança do Estado, que foi fortemente estimulada e que foi a base da Polícia actual, da PSP.

— *Acha que sim? Haverá continuidade entre o pessoal?*

— Não houve continuidade entre o pessoal, a não ser um ou outro. Mas a máquina foi utilizada, porque os registos que havia passaram todos. Algumas pessoas passaram também.

É certo que o grosso da primeira polícia política do regime é saído do núcleo do Partido Radical e dos elementos sidonistas que, embora andando a ser perseguidos pela polícia política do regime, já tinham feito parte também da Polícia no tempo do Sidónio: a instituição é a mesma, os arquivos são os mesmos, a máquina é a mesma. As pessoas é que mudaram.

Porque há de facto um homem que passa pela polícia política do regime republicano, o João Pedro dos Santos, homem do Partido da Esquerda Democrática; foi o único homem que passou pela polícia política como director e que foi capaz de não exercer uma perseguição contra os elementos sindicalistas e o movimento operário. Mas também teve um período curto. Esse homem quis exercer a sua acção política mais contra as forças da direita.

— *Em que altura é que foi?*

— Em 1925, que é o período do primeiro-ministro José Domingues dos Santos (fins de 24, começos de 25). [«Governo canhotos», de 22 de Novembro de 1924 a 15 de Fevereiro de 1925.]

— *Mas o Sidónio tinha criado uma polícia política própria.*

— Apenas mudou de nome. Mas o Sidónio estimulou-a fortemente e foi a base da polícia actual, a PIDE. O povo apelidava-a de «formigas» e, no consulado do Sidónio, de «lacraus» ou, de um modo geral, a «bófia».

3. ORGANIZAÇÃO SINDICAL

A QUOTA E A CADERNETA SINDICAL

— *Passemos agora para o aspecto de organização dos sindicatos. Os sócios pagavam uma quota. Mas de que montante?*

— A quota era determinada pela própria classe. Mas havia o seguinte: quando os sindicatos eram confederados, a quota desdobrava-se em três partes. Durante muito tempo era de cinco tostões por semana, mas variava segundo as classes. O sindicato então recebia a quota; uma parte destinava-se à União dos Sindicatos Operários de Lisboa, ou às uniões locais, à Federação de Indústria e à CGT. Nos sindicatos confederados, a quota igual era um selo com um label da CGT e havia a caderneta sindical, que era emitida pela própria CGT.

Os sindicatos requisitavam as cadernetas e os selos, que pagavam a um preço *x*. Estas é que eram as receitas da CGT. Mas eram requisitadas pela Federação da Indústria, que debitava aos sindicatos já a outro preço, e uma parte ficava na CGT, outra na Federação da Indústria. E então eram aqueles selos que o cobrador cobrava semanalmente. O operário colava os selos na caderneta e assim se via se estava em dia. Com aquela caderneta sindical, em qualquer lado a que se chegava era reconhecido como sindicalizado.

— *E que vantagens é que isso dava?*

— Por exemplo, um tipo resolvia deslocar-se para o Porto, para trabalhar. Chegava ao sindicato do Porto, apresentava-se, via-se que estava sindicalizado, acolhiam-no logo e facilitavam-lhe tudo; havia aquele espírito de facilitar: «Olha, tens meios de trabalho? Vais ficar na casa daquele, arranjas trabalho ali.»

— *Eram muitos os filiados a não pagar quotas?*

— Sempre havia aqueles que se atrasavam ou desistiam, mas, no geral, toda a gente quotizava. Havia retracção para ser sindicalizado, mas não para pagar quotas.

— *Sabe dizer-nos qual era a percentagem da quota que ia para a CGT, para a federação e a que ficava no sindicato?*

— Se não estou em erro, para a CGT eram cinco ou seis centavos, dois para a Federação de Indústria, dois para a união local. O que ia para os organismos de 2.º grau talvez não chegasse a 15 %.

A APLICAÇÃO DOS FUNDOS SINDICAIS

— *Portanto, os sindicatos tinham algum dinheiro. Que faziam com ele?*

— Bem, esse dinheiro nunca se acumulava: movimentos de solidariedade, mudanças de material tipográfico do jornal *A Batalha*. Mas havia alguns sindicatos que tinham um certo pecúlio.

Eu recordo, por exemplo, que, quando foi a fascização dos sindicatos, os ferroviários da CP tinham cerca de 100 contos depositados e isso impe-

diu-os de passar à clandestinidade: foram dos primeiros sindicatos nacionais a conservarem o dinheiro.

Os marítimos tinham certos recursos, mas também ajudavam muita coisa: tinham uma editorial, a Argonauta, que publicou *Sindicatos Operários e a Revolução Social*, do Pierre Bernard, *O Federalismo*, do Pedro Esteve.

Para os outros sindicatos, a Batalha é que era a editorial — e mesmo a Argonauta veio depois do 28 de Maio. Não havia outros sindicatos com editoriais. A editora Spartacus era do Dr. Campos Lima ¹⁰.

— *Mais algumas perguntas: a sede era alugada?*

— No geral era alugada, mas alguns sindicatos chegaram a ter sede própria: os marítimos, os marinheiros da marinha mercante, tinham sede própria, que ainda hoje existe na Calçada Salvador Correia de Sá, ali à Boavista; os fogueiros também tinham na Rua Fernandes Tomás. Uma parte das receitas da maioria dos sindicatos era para pagar a renda da casa.

IMPREENSA SINDICAL

— *A imprensa sindical dava prejuízo?*

— Não dava benefício nenhum porque, no geral, era distribuída gratuitamente aos sócios e a outros.

— *E era muito lida?*

— Era muito lida especialmente entre as classes trabalhadoras. *A Batalha* era diferente, vendia-se nas ruas, como os outros jornais, quem queria tinha de a pagar, mas era muito lida.

FUNCIONÁRIOS SINDICAIS

— *Os sindicatos tinham funcionários permanentes?*

— Raramente, porque havia no movimento sindical uma aversão ao funcionário sindical. Temia-se que o funcionário passasse a exercer uma certa acção, como se via nos sindicatos estrangeiros.

Os marítimos, por exemplo, tinham necessidade de ter um militante permanente, que era o chamado *delegado da classe*, que ia fiscalizar a lista de embarque, porque o embarque era feito por intermédio do sindicato, que fazia as escalas [listas].

Um ou outro sindicato tinha permanentes, para tratarem de expediente, horário de trabalho, quotização.

— *E havia sempre gente nas sedes?*

— No geral havia sempre um contínuo, que era, em geral, um elemento da classe que vivia na sede e a família fazia o contínuo durante o dia.

— *Comités de fábrica: chegou a haver?*

— Chegou-se a fazer alguma coisa, mas só nas indústrias com certa concentração de pessoal: estaleiros, arsenais, fábricas metalúrgicas de certo nível. Esses comités não tinham era aceitação por parte dos patrões: funcionavam clandestinamente, só o pessoal é que sabia.

¹⁰ Nasceu no Porto, em 1887. Expulso da Universidade de Coimbra na sequência da greve académica de 1907. Advogado, jornalista e político. Recusou uma pasta ministerial após o 19 de Outubro de 1919. Autor de numerosas obras sobre temas sociais.

ELEIÇÕES SINDICAIS E MILITANTISMO

— *Eleições sindicais: como é que decorriam?*

— Decorriam normalmente. Quando aqui ou ali havia pontos de vista diferentes, estabelecia-se competição entre esta ou aquela corrente para estar na direcção, mas isto sucedia com pouca frequência. No geral, as listas combinavam-se antes das assembleias e eram apresentadas à sanção da classe. Era raro darem-se divergências na constituição de listas.

— *E a participação eleitoral era muita?*

— Não. No geral, as assembleias que tinham por fim aprovar os relatórios de gerência não eram muito concorridas.

— *Número de militantes.*

— Havia classes que tinham um número razoável de militantes. Outras tinham mais dificuldade. Mas, no geral, no movimento confederal havia um certo número. Não quer dizer que houvesse fartura.

— *Tente imaginar, em 1924 por exemplo, os sindicatos, as Juventudes Sindicalistas, o PCP: entre esta gente quantos é que haveria que se possam qualificar de militantes?*

— Eram muitas centenas. Quando havia reuniões assim a um certo nível, já aparecia muita gente. Aquela Calçada do Combro tinha um movimento constante. Era muita gente. Não se faz bem ideia.

Vamos ao meu sindicato, o dos Metalúrgicos, por exemplo: tinha 5000 filiados; elementos activos, elementos militantes daqueles que se sabia que eram capazes de ocupar um cargo, havia uns 80, ou coisa assim, à vontade. E havia ainda os militantes de gabinete.

Mas havia também os militantes de base que não sabiam redigir uma acta, que não seriam capazes de ir para a direcção, mas que iam fazer agitação, coagir operários a não regressar ao trabalho, isso então dava um número muito maior. No Congresso Confederal de Santarém deviam estar 200 homens.

A ORGANIZAÇÃO DE UM CONGRESSO CONFEDERAL

— *Como era organizado um congresso confederal?*

— Quando se chegava à altura de convocar o congresso, o Conselho Confederal nomeava uma comissão organizadora do congresso, onde havia elementos do Conselho Confederal. Esta comissão tratava de tudo: preparar teses, arranjar locais, fazer a propaganda e a convocação, etc. Chegado o dia do congresso, a comissão organizadora abria a sessão inaugural e convidava logo a constituir-se a mesa.

Os representantes dos sindicatos aos congressos eram escolhidos pelas assembleias gerais — e não pelas direcções — e as assembleias gerais também discutiam as teses que eram apresentadas aos congressos. As teses eram previamente distribuídas aos sindicatos.

Em Espanha, o sistema ainda era mais perfeito: os delegados dos sindicatos iam creditados quanto à forma como haviam de votar em relação às diversas teses.

O primeiro acto da mesa era convidar o congresso a nomear uma comissão revisora de mandatos. Eram eleitos três ou cinco indivíduos que iam ver as credenciais. Esta comissão fazia um relatório e só então é que o congresso ficava definitivamente constituído.

— *Por quantos anos eram eleitas as direcções dos sindicatos?*

— Sempre por um ano. Podiam ser reeleitas.

— *Nos congressos só podia votar quem tivesse pago as quotas?*

— Os congressos sindicais eram compostos por sindicatos, federações e uniões locais. Só os sindicatos é que votavam — as federações e uniões locais tinham voto consultivo. Cada sindicato tinha só um voto, independentemente do número de filiados que tivesse.

Em 1931, os comunistas trouxeram para o debate a questão do voto proporcional. Mas os nossos sindicatos rejeitaram sempre o voto proporcional, porque cada sindicato se colocava em pé de igualdade com os outros sindicatos, partia-se do princípio da solidariedade entre todos os sindicatos.

Por isso não era por um sindicato ser duma indústria mais vultosa que havia de dominar o movimento. Os ferroviários podiam ser muito mais numerosos que os sapateiros, mas isso não assegurava que tivessem mais razão: eram duas classes diferentes.

OS ÓRGÃOS DA CGT

[...] Ora a CGT funcionava do seguinte modo: havia um Comité Confederal, eleito nos congressos, que era uma comissão executiva e havia um Conselho Confederal, que eram os representantes directos e indirectos, representantes das federações industriais e das uniões operárias locais. Do Conselho Confederal faziam parte também, numa posição que foi um pouco ambígua, e isto se manteve por muito tempo, os Arsenalistas do Exército. Estes conseguiram no Congresso de Coimbra ser considerados sindicatos nacionais.

— *Que quis isso dizer?*

— Os sindicatos eram locais. Havia o dos Metalúrgicos de Lisboa, o da Construção Civil do Porto, o dos Mobiliários de Coimbra, o dos Padeiros de Évora. Não havia nenhum sindicato que, pela sua área de acção, fosse considerado nacional, a não ser o dos Correios e Telégrafos, porque era uma rede nacional. Os funcionários, todo o pessoal dos Correios, está espalhado pelo País. Os próprios sindicatos dos ferroviários eram sindicatos regionais.

— *Nessa altura havia várias companhias independentes.*

— Pois havia: os da CP, que eram os da linha do Norte e Leste; havia o Minho e o Douro, que era a parte do Douro e das linhas do vale do Tua e do Corgo; havia o Sul e Sueste e havia a Beira Alta. Cada sindicato destes era um sindicato regional.

Os Arsenalistas, como tinham muita influência, na ocasião do Congresso de Coimbra, dentro da organização sindical [...] por volta de 1919 conseguiram ser reconhecidos como sindicato nacional para terem entrada no Conselho Confederal. Como o Conselho Confederal se compunha das federações de indústria e das uniões locais, eles só tinham cabimento através da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, como sindicatos locais.

Por isso mesmo é que lhes foi reconhecido, visto terem muita influência na organização, [o direito a] serem considerados sindicatos nacionais, muito embora não fossem nacionais, porque os Arsenais estavam localizados em Lisboa, não tendo sequer dependências fora da cidade. Talvez o Sindicato dos Arsenalistas da Marinha tivessem algumas coisas na outra margem. Tinham, portanto, assento no Conselho Confederal.

A CGT convocou logo o Conselho Confederal para se reunir no dia imediato ao da rebelião [do 18 de Abril de 1925] para tomar posição. Tinha publicado já uma *nota oficiosa* preconizando a concentração de todas as forças operárias para combater a reacção e impedir os movimentos dos militares. No outro dia reuniu o Conselho Confederal para sancionar esta posição ou advogar qualquer outra posição que se tivesse de tomar. [...]

Ora, logo no dia em que se reuniu o Conselho Confederal da CGT, portanto no dia imediato à revolução de 18 de Abril [1925], os partidários da Internacional Sindical Vermelha que estavam no Conselho Confederal, opuseram-se à nota oficiosa da CGT: eram os delegados dos Arsenalistas de Marinha e do Exército e os delegados da Federação Marítima, muito embora a Federação Marítima tivesse sindicatos de tendência diferente, mas os seus delegados eram do grupo dos partidários da Internacional Sindical Vermelha. Foi uma sessão agitada, que durou o dia todo e parte da noite.

— *Opuseram-se em que base? Qual a linha que defendiam?*

— A linha era a unidade de todas as forças que se opusessem à ditadura militar. Nessa altura preconizava uma frente com as forças políticas, porque se tinha constituído também o célebre Comité de Defesa Proletária, que era um comité constituído pelo Partido Comunista, pelo Partido Socialista e pela Esquerda Democrática. Tinham feito as pazes nessa altura e tinham formado esse Comité de Defesa Proletária. Queriam que a CGT aderisse...

— *Depois de 18 de Abril?*

— Antes até... Queriam que a CGT aderisse ao Comité de Defesa Proletária e que este estabelecesse uma base de entendimento com todas as forças políticas liberais.

— *Com os democráticos também?*

— Não. Os democráticos eram o Governo; era com o Partido Radical, que, embora sendo o partido mais à esquerda da República, foi um grande fornecedor de gente para a PIDE.

— *Fornecedor porquê?*

— Já lá chegaremos, que também é um ponto curioso. Era portanto o Partido Radical. A Seara Nova [1921] também estava à esquerda nessa ocasião, mas a Seara era um grupo à parte. Nunca houve hostilidade entre a Seara e a organização sindical. Antes pelo contrário, houve sempre boas relações.

Eram portanto os partidos da esquerda, e então a Esquerda Democrática [Julho de 1925] — José Domingos dos Santos —, que era já uma cisão do Partido Republicano Português. A nós não nos inspirava confiança nenhuma uma *entente* política dessa natureza.

E nós, na ocasião da luta, estávamos dispostos a ir para a luta, mas com pactos circunstanciais, de ocasião. Não queríamos pactos permanentes que alienassem a nossa liberdade de acção.

Isto foi o motivo de uma sessão tumultuosa e [os comunistas] acabaram por se afastar da CGT. É então o princípio da cisão. Saíram da CGT os Arsenalistas da Marinha e do Exército e alguns sindicatos portuários — Estivadores, Descarregadores, Conferentes Marítimos, Pessoal do Porto de Lisboa, excepto o tráfego (o pessoal que faz o serviço de cargas e descargas para os armazéns dentro dos portos).

Foi o primeiro sintoma da cisão. Um ano depois dá-se o 28 de Maio.

— *Eles saíram da CGT e criaram alguma organização à parte?*

— Não. Ficaram isolados, mas relacionavam-se através do grupo dos partidários da Internacional Sindical Vermelha.

— *Esse grupo persistiu ao longo dos anos?*

— Persistiu. Depois publicavam um jornal, que era o *Internacional*. Quando foi o 28 de Maio, estávamos exactamente nesta posição. Estes pequenos sindicatos não tinham evoluído nada, tinham saído da CGT. No Congresso de Santarém, em Setembro de 1925, já esses sindicatos não estavam na CGT, sem que se fizessem sentir os efeitos da cisão.

Todavia, alguns sindicatos continuavam dentro da CGT, muito embora estivessem com os partidários da Internacional Sindical Vermelha: os Alfaiates do Porto, os Alfaiates de Lisboa e um ou outro mais isolado.

Quando se produz o movimento do 28 de Maio, há uma certa reacção. O movimento rebentou em Braga e havia um certo optimismo de que o movimento não teria grande eficácia.

A CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO INTERSINDICAL

[...] Um facto curioso: em 1928 ou 29 ainda o Governo está instável, busca apoios na classe trabalhadora. O Partido Socialista ainda é um partido que continua a funcionar, realiza-se o Congresso de Coimbra. Os sindicatos estão abertos, mas a CGT não é autorizada nem os organismos federativos. Há por essa altura a publicação dum decreto criando o Conselho Económico Nacional, em que admite a representação dos sindicatos operários dentro desse Conselho.

Tinha-se criado o cargo de intendente-geral da Segurança Pública e era então intendente um militarão, que era o Mouzinho de Albuquerque, coronel de cavalaria. Já se pode fazer ideia do que seria. Este homem, o intendente-geral da Segurança Pública, função como a do intendente Pina Manique, era um bruto, capaz de todas as atrocidades, mas com umas manias demagógicas. Tinha ele a pretensão de ser o protector das classes trabalhadoras. O decreto cai na indiferença geral. Ninguém tinha interesse pelo assunto, mas o intendente é que pretendeu controlar o movimento operário e arrastá-lo por essa via de colaboração governamental. A certa altura lançou a ideia de que os sindicatos deviam pronunciar-se sobre se queriam intervir no Conselho Económico Nacional.

Aproveita-se o pretexto para fazer uma reunião de sindicatos em que se pudesse reafirmar o princípio de não colaboração. Nessa altura, a Câmara Sindical do Trabalho não podia aparecer à luz do dia. Portanto, quem é que havia de convocar essa reunião em que se procurava manifestar oposição? Foi o Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria que tomou a iniciativa de convocar essa reunião. Faz-se a reunião, e é quando, com surpresa nossa, porque supúnhamos que todos estariam de acordo em rejeitar a proposta governamental, os comunistas aparecem já com um certo grupo a fazer uma diversão de acção — «O que era preciso era, em primeiro lugar, juntar os sindicatos para formar ali uma comissão que teria por fim [...]» Bem, eles queriam adquirir um órgão de coordenação em que eles pontificavam, visto que o nosso não podia aparecer à luz do dia porque a reunião era controlada pela Polícia, porque a Polícia se fazia sempre representar. Então eles lançam a ideia de uma comissão intersindical.

Nós recusámos, visto que a organização tinha organismos relacionadores. Eles diziam que isto era para um efeito exclusivo. Então na reunião há sindicatos que recusam e há alguns que aprovam. Constituíram então a comissão chamada Intersindical, que foi depois o núcleo de coordenação da acção no campo operário durante muito tempo.

— *Que sindicatos constituíram essa comissão?*

— Depois já nem foram sindicatos, mas elementos da reunião. Os sindicatos principais dessa reunião que seguiram os comunistas foram os Alfaiates, os Descarregadores do Porto de Lisboa, os Estivadores, os Conferentes Marítimos e os Arsenalistas. Os Arsenalistas, nessa altura, ainda existiam como sindicato. E foi esse o grupo que deu motivo à comissão Intersindical.

Logo a seguir vimos que tinha que aparecer o órgão coordenador em público, e então a Confederação Geral do Trabalho tomou o nome de Comissão Interfederal de Defesa dos Trabalhadores. Foi desse nome que saiu em 1930 aquela série d' *A Batalha* de que se publicaram só 13 números¹¹. Então, depois, fizeram-se várias reuniões operárias, em que apareciam os dois grupos a debater-se. Até ao 18 de Janeiro de 1933, em que ardeu tudo.

ACERCA DA CLANDESTINIDADE

A CGT é declarada ilegal a seguir à derrota do 7 de Fevereiro de 1927. *A Batalha*, como todos os jornais da oposição, foi suspensa. Voltou a publicar-se até 27 de Maio, altura em que foi assaltada e destruídas as instalações da Calçada do Combro. Mas continuamos a ter o nosso local de reunião dentro do mesmo edifício, num anexo que a Polícia ignorava e, portanto, não tinha assaltado, e que era a parte onde funcionavam os serviços do Suplemento literário d' *A Batalha* e a *Renovação*.

A nossa acção desdobrava-se nos sindicatos, que continuavam a funcionar, nos organismos federativos e de relação, postos fora da lei, e portanto difícil e exposta, o que facilitou à Polícia identificar-nos para a prisão em série da noite de 16 de Fevereiro de 1928.

Alguns dos nossos militantes passaram logo a uma clandestinidade completa, como foi o caso do Américo Vilar, que acabou por morrer numa explosão de bombas em Moncarapacho, no Algarve. E, gradualmente, cada vez iam passando mais para tal situação, na medida em que a Polícia tentava jugular todas as organizações que existiam.

Nunca houve entre nós «funcionários» na clandestinidade. Quando caíamos nessa situação em consequência de sermos identificados em qualquer acção ou procurados pela Polícia, procurávamos a casa dum camarada, ou íamos para outra cidade, mas, mais geralmente, ficávamos na mesma

¹¹ Antes do seu reaparecimento após o 25 de Abril de 1974, *A Batalha* teve três séries. A primeira em que foi jornal diário, propriedade da central sindical (a UON primeiro, a CGT depois); o primeiro número desta série foi publicado a 23 de Fevereiro de 1919 e o último, o n.º 2556, a 26 de Maio de 1927. A segunda série, a que o texto alude, foi semanal, tendo o primeiro número sido publicado em 13 de Setembro de 1930. A terceira série é clandestina, começa em 1934 e tem periodicidade irregular. (Cf. Jacinto Baptista, *Surgindo Vem ao longe a Nova Aurora... Para a História do Diário Sindicalista A Batalha/1919-1927*, Lisboa, Bertrand, 1927, 214 pp.).

cidade, arranjando um disfarce, que muitas vezes era o uso de óculos escuros ou de lentes sem graduação, e sobretudo muita precaução.

Uma coisa se mantinha: tínhamos de ir para o nosso trabalho profissional, mudando de empresa quando a Polícia chegava a conhecer o local de trabalho. Era assim a nossa clandestinidade.

Com o tempo e com o aumento do domínio policial no País, a clandestinidade mais segura era ainda nas cidades como Lisboa ou Porto.

Tivemos várias tipografias clandestinas. Durante um certo tempo trabalhou muito para nós uma tipografia na Rua Antero de Quental, a Elite, que era de dois camaradas nossos. Mas um dia foi descoberta e foi expropriada pela Polícia.

Um dos donos, o Joaquim da Costa, ajudou-me mais tarde a montar a tipografia d'*A Batalha*, em 1934, que se manteve até 37. Antes desta houve uma, que actuou ainda depois do 18 de Janeiro, que estava instalada no Pote de Água. Depois da que foi apanhada em 1937 houve outra que eu já não conheci, porque já estava preso.

A de 1934-37 era muito curiosa, e por isso, disseram-me na Polícia, figura num museu que a Polícia tem, é considerada a mais típica. A máquina foi inteiramente feita por nós, segundo a concepção do Joaquim Costa; aparentemente era uma mesa de cozinha, e, quando se levantava o tampo, no vão que seria o das gavetas funcionava um carro móvel, que era o cofre da máquina, do género rotativa, que accionava também um rolo que procedia à operação da impressão.

O carro deslizava nos dois sentidos pela acção de cabos de aço que se enrolavam e desenrolavam automaticamente pela acção duma manivela. O jornal que se fazia nesta máquina tinha o formato do *Diário de Lisboa* e saía com 4, 6 e 8 páginas, e ainda com o cabeçalho a vermelho e o resto a preto.

— *E a CGT, depois de 29, como é que vem a continuar a sua acção?*

— Continua a sua acção clandestina. Os sindicatos continuam a funcionar, porque é preciso ver que os sindicatos só são fechados em 33; os sindicatos continuam a funcionar, mas, de certo modo, funcionavam contra nós.

Vejam os organismos confederais e federais estavam na clandestinidade, para nos mantermos na acção sindical tínhamos de trabalhar em dois campos: no campo da clandestinidade e no campo legal.

Portanto, a Polícia podia muito mais facilmente dominar a nossa acção do que se estivéssemos inteiramente na clandestinidade. A acção fazia-se em dois campos: nos sindicatos, fazendo a propaganda, fazendo as reuniões das classes, fazendo as suas reivindicações, mas a Polícia sempre a controlar, sempre a dominar; por outro lado, fazia-se a propaganda clandestina, os grupos de acção e, quando era possível, faziam-se as acções mesmo, e foi este o período que se atravessou até que, em 1933, eles fecham os sindicatos.

— *Que é que faz nessa altura a CGT? Continuou...*

— A CGT continuou na clandestinidade, mas, claro, a clandestinidade no movimento sindical é difícil. Não o é no campo político, em que os elementos se recrutam indistintamente. No campo sindical, a agrupação só se faz por classes, os núcleos são muito mais reduzidos. Ainda se mantiveram muitos sindicatos na clandestinidade, mas era muito mais difícil. Até que, pouco a pouco, os sindicatos vão dando lugar a grupos de acção.

— *E sobretudo a repressão aumentou muito entre 1933 e a Guerra Civil de Espanha.*

— Todo esse período então, até ao final da Guerra Civil, é extraordinário. E depois segue-se a guerra.

— *A CGT chega a ter relações firmes com a central sindical anarco-sindicalista a CNT espanhola e com a FAI, Federação Anarquista Ibérica?*

— Sim, teve sempre relações com a CNT; mas deu-se este facto: os Espanhóis estavam perfeitamente absorvidos na sua luta revolucionária e nunca se chegou ao ponto de criar uma força ibérica. Eu, por exemplo, fui representar a CGT num Congresso da CNT de Saragoça, nas vésperas da Guerra Civil, e nessa altura consegui que o Congresso decidisse a constituição da Confederação Ibérica dos Trabalhadores, mas quer dizer, a Guerra Civil [Espanhola, 1936], que logo se seguiu, impediu que a ideia fosse concretizada.

4. CORRENTES NO MOVIMENTO SINDICAL

— *Os operários estabeleciam alguma distinção entre os vários partidos da República?*

— Bem, fazia-se a distinção entre o Partido Democrático ¹² e os outros partidos porque, dado que o Partido Democrático era o partido que mais vezes tinha estado no poder, foi o partido que mais oportunidades teve de fazer perseguições à classe operária. Foi o que sofreu mais a animadversão da classe operária. Aos outros partidos ninguém ligava muito. Só o Cunha Leal ¹³ é que polarizava as antipatias dos operários, porque era um tipo aguerrido que se distinguia no combate aos operários.

Como os sindicatos eram contra a participação em qualquer eleição, votava-se pouco nos meios operários. Não se acreditava na política nem se confiava nos políticos. De resto, a lei eleitoral da República estipulava que só podia votar quem pagasse um tanto de contribuição e quem soubesse ler e escrever. Mas os operários acompanhavam as ocorrências políticas. Era vulgar comentarem os acontecimentos, sempre desfavoravelmente.

A Igreja ninguém ligava em Lisboa. Só na província é que ainda havia algum espírito religioso. Mesmo assim, o Alentejo, por exemplo, era perfeitamente ateu. Os sindicatos rurais eram completamente revolucionários. A Igreja tinha-se colocado, de resto, abertamente contra todas as ideias socialistas.

Mas nalguns sítios ainda havia espírito religioso. Eu recorde-me, por exemplo, duma vez que fui a Braga. Aconselhou-me o delegado do Porto, que ia comigo, a dizer mal de tudo menos da Igreja. Eu, é claro que abordei o problema religioso e eles até aceitaram bem.

No resto do País, a situação era diferente. Em Setúbal, os sindicatos eram completamente revolucionários. Até era conhecido pela Barcelona

¹² Designação popular do maior grupo político proveniente do Partido Republicano Português (PRP), após as cisões de 1911. Dirigido por Afonso Costa até ao sidonismo.

¹³ Nasceu em Penamacor, em 1888. Engenheiro militar. Deputado (1918-26). Primeiro-ministro (16 de Dezembro de 1921 a 6 de Fevereiro de 1922). Várias vezes ministro da Primeira República. Aproximou-se das correntes conservadoras, que procurou liderar, após o trágico assassinato de António Granjo (19 de Outubro de 1921). Foi um dos dirigentes da oposição ao regime de Salazar, tendo estado exilado.

portuguesa. Em Coimbra também. As concentrações operárias mais importantes eram Lisboa, Porto, Coimbra, Covilhã, Braga, Viana do Castelo, Setúbal, Marinha Grande, Almada e Barreiro, aqui principalmente ferroviários. Alpiarça era um centro político e o Algarve tinha uma grande influência na vida sindical.

Em Viana do Castelo havia gráficos, construção civil e metalúrgicos, mas em pequena escala. Em Guimarães já havia a indústria característica.

— *A sua opinião pessoal e a opinião dos operários em geral sobre várias coisas que eu irei especificando. Para já, República e partidos republicanos.*

— A propaganda republicana veio quando o Partido Socialista já declinava. Em Portugal nunca houve um grande apoio aos socialistas, que mais tarde se dividiram em possibilistas e marxistas. Estes procuravam a todo o custo uma vitória eleitoral, que lhes fugiu sempre. Os possibilistas estavam mais inclinados para soluções reformistas, não viam as eleições como um dilema. Procuravam, portanto, estimular o movimento associativo para obterem as reivindicações que consideravam mais necessárias.

Quando os socialistas entram numa fase crítica, surgem os republicanos a aproveitarem-se desse momento histórico. Com a sua demagogia correspondiam um pouco aos anseios revolucionários da classe operária. Embora esta não fosse republicana, via na República a solução para algumas das suas reivindicações... Portanto, o operário participou na implantação da República.

— *E no Partido Socialista, que tendência venceu?*

— Nem uma nem outra. Havia flutuações. Por fim apareceram os salemistas, do Pátio Salema, e os franciscanos, da Calçada de São Francisco. Mas não havia uma adesão franca dos operários à República. E nos últimos tempos da Monarquia começou já a haver polémicas entre os grandes vultos republicanos e os operários. E, logo que as classes operárias viram que não se abria caminho às suas aspirações, imediatamente se divorciaram da República¹⁴.

Mas, quando havia ataques monárquicos, a República salvava-se sempre com o apoio popular.

Os partidos republicanos nunca tiveram auditório operário, exceptuando talvez o Partido Radical, do Lopes de Oliveira¹⁵, que tinha um ar mais esquerdista. Nem sequer controlavam um sindicato. Só os socialistas é que tinham alguma massa operária.

O APARECIMENTO DAS IDEIAS ANARQUISTAS EM PORTUGAL

— *Como apareceram as primeiras ideias anarquistas em Portugal? Como se ligavam ao princípio do movimento sindical?*

— O primeiro jornal anarquista que apareceu em Portugal foi, em 1872, *A Revolta*, se não estou em erro, porque, naturalmente, depois que

¹⁴ O Partido Socialista Português esteve dividido, entre 1889 e 1909, numa corrente possibilista e noutra marxista, a exemplo do que então sucedia na Europa. Em Portugal, ambas as correntes foram designadas pelos locais onde se reuniam: os marxistas foram chamados «salemistas», pois que se encontravam no Pátio do Salema; e os possibilistas foram apelidados de «franciscanos», por se reunirem no n.º 15 da Calçada de São Francisco.

¹⁵ Nasceu em Mortágua, em 1881. Licenciado em Direito. Professor de liceu. Republicano. Chefe de gabinete de Bernardino Machado. Saiu do PRP em 1920 e entrou no Partido Radical em 1923.

apareceram as primeiras ideias do socialismo saint-simoniano, e depois das lutas da Internacional, chegaram até nós.

Já tinham aparecido as primeiras ideias manifestadas por uma ou outra pessoa; mas é positivamente a partir da perseguição à Primeira Internacional [1864-76] em Espanha, depois da Comuna de Paris, que o Comité da Federação Espanhola da Internacional, vendo que a perseguição à Internacional se ia acentuando cada vez mais dum modo extraordinário em Espanha, pensou deslocar uma parte do Comité para Lisboa, trazendo os arquivos da Internacional para aqui.

Vieram para Lisboa o Anselmo Lorenzo, o Francismora e o Morago. E aqui, quando chegaram, vieram indicados para um militante espanhol que estava aqui em Portugal, que era sombreireiro, trabalhava em sombrinhas e chapéus-de-chuva numa casa da Rua da Prata. E então foi esse elemento espanhol que vivia aqui em Portugal que os pôs em contacto com os homens da...

— *Da Fraternidade Operária.*

— Da Fraternidade Operária [19 de Janeiro de 1872] e do Centro Promotor [dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, 1852]. Eram o Fontana ¹⁶, o Batalha Reis ¹⁷, o Antero ¹⁸ e muitos outros. Foram eles que entraram em contacto para a fundação da secção portuguesa da Internacional.

Entretanto vêm também com eles as ideias que a Aliança [Internacional] da Democracia [Socialista, 1868], de Bakunine [1814-76], já tinha irradiado por Espanha.

É através da Espanha que chegam até nós as primeiras publicações e aqui se começam a criar os grupos. Aparecem nos grupos alguns indivíduos, como, por exemplo, um dos elementos anarquistas mais notáveis naquele tempo, Bartolomeu Constantino ¹⁹, que tinha estado no Partido Socialista, e alguns outros que foram deixando o Partido Socialista e começaram a formar os grupos. Depois é que aparecem, já por 1890, mais publicações anarquistas e se começa a dar o choque entre socialistas e anarquistas dentro das associações operárias.

É já o reflexo dos congressos da [Primeira] Internacional, especialmente em 1872, em Haia — que é o que mais impressiona aqui os meios operários por causa daquela resolução da formação dos partidos operários ²⁰.

¹⁶ José Fontana. Cobbi (Suíça), 1840-Lisboa, 1876. Livreiro. Fundador da Fraternidade Operária. Introdutor do socialismo em Portugal. Figura tutelar do socialismo português. César Nogueira diz que Fontana «lançou os alicerces do movimento operário português». Suicidou-se.

¹⁷ 1847-1935. Engenheiro-agrônomo. Diplomata. Participou nas Conferências do Casino (1871). Membro do grupo dos Vencidos da Vida.

¹⁸ Antero Tarquínio de Quental. Ponta Delgada, 1842-1891. Escritor. Descendente de uma antiga família açoriana. Foi o «condutor de uma geração» (Costa Pimpão) e, desde estudante na Universidade de Coimbra, a autoridade moral dela. Autor da polémica *Bom Senso e Bom Gosto* (1865-66), *Primeiros Sonetos* (1861) e *Odes Modernas* (1865). Participou nas Conferências do Casino (1871). Foi um dos introdutores da Primeira Internacional em Portugal.

¹⁹ Sapateiro. Autodidacta. Orador. Foi perseguido e preso inúmeras vezes durante a Monarquia e a República. Gozava de grande popularidade em Lisboa. Morreu em 1916. A assistência ao seu funeral foi calculada em 20 000 pessoas.

²⁰ Último congresso da Primeira Internacional (ou Associação Internacional dos Trabalhadores), de 2 a 7 de Setembro de 1872, uma semana antes do Congresso de Saint-Imier. Os marxistas, maioritários, expulsam Bakunine e J. Guillaume, dirigente da Federação Jurassiana, e decidem transferir o Conselho Geral para Nova Iorque.

É quando os elementos que continuaram a preconizar que o movimento operário devia ter certa independência; embora muitos fossem simpatizantes do Partido Socialista, houve sempre uma corrente que preconizou que o movimento operário não podia ficar de modo nenhum sujeito às directivas do Partido, mas com uma certa autonomia. É a corrente que aparece a debatar-se, nas associações da época, entre aquele conceito autoritário, marxista, e o conceito literário.

São esses que vêm através de todo o movimento associativo, até que aparecem em Portugal as ideias que vêm da experiência do movimento sindicalista francês, que tinha nascido já nos últimos anos do século passado e que teve a sua formulação definitiva no Congresso de Amiens, em 1906, quando se elabora a célebre Carta de Amiens, que é o estatuto que a CGT francesa ainda mantém; paradoxalmente ainda mantém...

Portanto, só quando aparecem aqui os primeiros reflexos, são justamente os elementos anarquistas que mais se interessam pela experiência das bolsas de trabalho em França, pela acção dos sindicalistas franceses.

Começa a aparecer aqui essa propaganda sindicalista e é o professor Emílio Costa que faz maior divulgação delas, com aquela célebre conferência que deu na Casa Sindical sobre Acção Directa e Acção Legal, e começa a traduzir as primeiras publicações do sindicalismo francês: *A Greve Geral, O Sindicalismo e a Próxima Revolução*, enfim várias ²¹.

São os elementos anarquistas que dão mais ardor na defesa dessas ideias. Começam então a aparecer entre nós pessoas de formação libertária, mas limitadas ao princípio sindicalista, aquela corrente soreliana, o sindicalismo tal e qual como Georges Sorel o defendia — o sindicalismo bastava-se a si próprio ²².

Começa a aparecer esse grupo que forma o jornal *A Greve* [Lisboa, 1908] e depois *O Sindicalista*, em que colaboravam tanto sindicalistas de tendência soreliana como anarquistas e até alguns socialistas que ainda mantinham a sua permanência no Partido Socialista e que seguiam aquela linha de independência do movimento operário em relação ao partido político.

É aí que começa a maior acção anarquista no movimento sindical.

— Mas, quando o Partido Socialista ainda dominava os sindicatos, os grupos anarquistas, desde a sua fundação, tinham uma acção virada para os sindicatos ou não?

— Tinham uma acção virada para o movimento associativo operário, muito embora tivessem a sua acção própria, a sua propaganda e organização específica.

²¹ Portalegre, 1877-1959. Diplomado com o Curso Superior de Letras. Professor liceal. Tradutor de numerosos opúsculos sindicalistas e anarquistas franceses, no princípio do século. Secretário de Guerra Junqueiro durante a embaixada deste em Berne, demitiu-se por não querer servir um regime cuja violência originara a morte de dois operários conserveiros em greve em Setúbal (Março de 1911). A conferência *Acção Directa e Acção Legal* foi proferida em 31 de Dezembro de 1911, na Casa Sindical, e editada pela União das Associações de Classe de Lisboa. Não consta do catálogo geral da Biblioteca Nacional de Lisboa. Foi publicada em António Ventura e Alberto Pedroso, *Emílio Costa e o Sindicalismo da Formação Libertária à Casa Sindical*, Seara Nova, 1977, pp. 129-152.

²² 1847-1922. Engenheiro, formado pela Polytechnique (Paris). Introdutor do marxismo em França, tornou-se injustamente célebre porque as suas *Réflexions sur la Violence* (1908) influenciaram Mussolini. Sublinhou os aspectos voluntaristas e dialécticos do marxismo.

— *Às vezes escreve-se ou fala-se sobre as alianças que se teriam feito entre os grupos anarquistas e o Partido Republicano antes da proclamação da República. Existe alguma verdade nisso?*

— Há diversas coisas a ver. O Partido Republicano aparece numa época, depois do Ultimato [1891]...

— *Já existia antes.*

— Já existia. Mas é de facto a partir do Ultimato que o Partido Republicano toma uma posição activa. Entre as classes operárias havia a separação na verdade. Mas o ritmo dos acontecimentos, e até porque os republicanos, na verdade, tomaram uma acção revolucionária bastante maior que a do Partido Socialista, não há dúvida que atraiu o apoio das classes operárias. Encontramos entre os socialistas duas correntes: uma pró-republicana favorável à proclamação da República, outra, não.

Entre os anarquistas deram-se, em parte, algumas coisas desse género. A maioria era indiferente à República e até a contestava, tanto mais que é curioso que, no período da propaganda republicana, uma das maiores sombras dos homens da propaganda republicana (o Afonso Costa ²³, o António José de Almeida ²⁴, o Brito Camacho ²⁵, o Bernardino Machado) era o Bartolomeu Constantino, operário sapateiro que aparecia nos comícios a estabelecer polémica com os oradores republicanos.

Portanto, houve naturalmente um certo entusiasmo pela República naqueles tempos, era como uma espécie do período actual — nós aceitamos qualquer coisa que seja para mudar, para variar. Naquela altura, a República era uma esperança de que alguma coisa se modificasse, pelo menos do ponto de vista das liberdades políticas.

Portanto, aquilo foi um movimento que se deu, espontâneo, mas não houve o apoio declarado de nenhuma facção. Afonso Costa era mais por entusiasmo popular do que outra coisa. O próprio Partido Socialista nunca marcou posição favorável à República. Algumas pessoas é que aceitavam que se favorecesse a eclosão da República.

ANARCO-SINDICALISTAS E SINDICALISTAS

[...] A organização sindical desenvolvia-se, mas paralelamente desenvolviam-se dentro dela duas correntes: uma anarco-sindicalista, preponderante; e outra, a chamada sindicalista revolucionária, como finalidade

²³ 1871-Paris, 1937. Advogado e professor da Faculdade de Direito. Deputado republicano em 1900. Ministro da Justiça do Governo Provisório, autor da famosa Lei da Separação da Igreja e do Estado. Supremo dirigente do PRP e figura tutelar da Primeira República. Primeiro-ministro em 1913, 1915 e 1917. Auto-exilou-se em Paris após o sidonismo, que o prendera, tendo recusado persistentes pedidos para formar governo em Portugal.

²⁴ 1866-1929. Médico. Ministro do Interior do Governo Provisório. Chefe do Partido Evolucionista, um dos resultados da cisão do PRP (1911). Defendeu a União Sagrada para levar Portugal a fazer face à primeira guerra mundial. Foi o único presidente da Primeira República que pôde cumprir o mandato (1919-23). Político conservador de verbo eloquente e grande dignidade pessoal.

²⁵ Aljustrel, 1864-Lisboa, 1934. Médico. Jornalista político desde a fase da propaganda republicana. Fundador d'A Luta (1906). Ministro do Fomento do Governo Provisório. Chefe do Partido Unionista, um dos resultados da cisão do PRP (1911). Espírito lógico e pena impiedosa, partilhou com António José de Almeida a liderança da direita republicana pré-sidonista. Abandonou depois a política activa, tendo vindo a ser alto-comissário em Moçambique. Escritor prolífico.

social; entendeu que o sindicalismo era um sistema que podia corresponder a uma substituição integral da sociedade capitalista.

— *Não percebi bem qual a diferença entre a corrente anarco-sindicalista e a corrente sindicalista revolucionária. Queria pedir-lhe ainda uma outra precisão: sobre aqueles sindicalistas de «fecha a roda».*

— Os sindicalistas partiam do princípio de que o sindicalismo estruturava uma sociedade total. Os sindicatos podiam fazer não só a gestão da produção, como toda a gestão económica e toda a administração social.

— *Todos os sindicalistas pensavam isso?*

— Os sindicalistas de feição, digamos, soreliana. Era uma corrente perfilhada por poucos militantes. Essa doutrina era aquela doutrina do Lagardelle, do Bertel(?) e de alguns socialistas marxistas que tinham vindo ao sindicalismo e um pouco ainda a próprio pulso inicial do Pelloutier ²⁶, secretário da Federação das Bolsas do Trabalho. Embora o Pelloutier fosse de feição anarquista, deixou-se, no entanto, empolgar pelo sistema sindicalista.

Os anarco-sindicalistas partiam do princípio de que o sindicalismo devia ter uma finalidade que seria o comunismo libertário, portanto uma sociedade em que os sindicatos tomariam a função de gerir a produção e integrar-se-iam num conjunto social. Mas havia a necessidade de novas estruturas, que seriam a comuna ou o município, sendo o município integrado pelos sindicatos e por todas as espécies de associações para todos os fins que se criassem ou instituíssem.

Ora já então a corrente anarco-sindicalista se vinculava predominante.

O PREDOMÍNIO ANARCO-SINDICALISTA

— *Quando é que o anarco-sindicalismo começa a tornar-se predominante? Tenho ideia que na passagem de 1913 para 1915.*

— O arranque da organização sindicalista em Portugal, depois de vencerem a influência do Partido Socialista, é em grande parte devido ao esforço de anarquistas que marcaram a sua posição inteiramente anarquista, elementos que tinham sido formados na corrente sindicalista e até alguns socialistas que, perdendo um pouco a fé no parlamentarismo, começaram a alinhar, aceitando que as associações tivessem uma maior predominância na construção do socialismo.

Neste período inicial há um entusiasmo geral. Não se definem as tendências predominantes e o que influi é aquele espírito do sindicalismo francês.

— *E isso quando?*

— Desde 1900 até 1917 propriamente dito. Os congressos, como o Congresso de Tomar [Março de 1914], que forma a União Operária Nacional, ainda têm uma feição fluida. É o sindicalismo, aquele sindicalismo francês, sem ninguém se preocupar com atribuir-lhe outra qualquer finalidade. Depois da guerra é que os anarquistas começam a definir melhor a sua posição face ao sindicalismo.

²⁶ Fernand Pelloutier. Paris, 1867-1901. Jornalista. Membro do Parti Ouvrier Français, abandonou-o em 1892, defendendo a greve geral. Anarquista. Secretário da Fédération des Bourses de Travail, organização original com funções simultâneas de clube de operários, de bolsas de emprego e de sindicatos. Escreveu a influente *Histoire des Bourses de Travail* (1902).

Já depois tinha-se produzido aquele debate, que foi memorável, entre os sindicalistas e os anarquistas que se deu aí por 1915. O Carlos Rates²⁷ e o Manuel Ribeiro²⁸ fizeram a deposição sindicalista rigorosa. Do outro lado, o Emílio Costa e o Pinto Quartim, que marcavam a posição anarco-sindicalista. E também o Neno Vasco²⁹.

De modo que só a partir de 1917 se começam a definir melhor posições. Entretanto dá-se a Revolução Russa e chegam a Portugal os primeiros lampejos da Revolução. Aquele entusiasmo traduz-se numa simpatia geral pela Revolução Russa. Mas, à medida que se foram conhecendo as características do movimento mahknovista na Ucrânia³⁰, a posição de Lenine quando se produz a revolução dos marinheiros de Kronstadt³¹ e a decisão de Lenine e de Trotsky de esmagarem o movimento anarquista, começam então a separar-se duas correntes: uma de simpatia pela Revolução Russa ou, melhor, pelo Governo russo; outra, começando a vincar mais a sua posição libertária.

É aqui que a feição libertária mais se acentua. Alguns dos elementos que ficaram sugestionados pelas doutrinas de Lenine ou de Trotsky constituíram por 1919 a Federação Maximalista Portuguesa. Não era um partido político, mas uma organização em que entravam militantes de diversas tendências, mesmo alguns socialistas, poucos.

— *Lembra-se de alguns?*

— Nomes não, não me recordo de nenhum. Mas eram elementos do Partido Socialista avulso. Essa corrente formou-se em grande parte com os elementos sindicalistas e alguns anarco-sindicalistas. A Federação Maximalista defendia os princípios da revolução leninista, como seja a ditadura do proletariado. A breve trecho, logo que a discussão doutrinária se começou a fazer à volta das doutrinas leninistas, alguns dos elementos que foram, naquele entusiasmo, para a Federação Maximalista saíram novamente. Muitos deles voltaram à posição anarco-sindicalista.

— *Lembra-se de alguns nomes?*

— Sim, por exemplo o Clemente Vieira dos Santos³², um notável militante anarco-sindicalista do Porto; Francisco Viana, militante anarco-

²⁷ ?-1945. Trabalhador rural. Organizador dos sindicatos rurais no Alentejo (c. 1911). Fundador e um dos primeiros dirigentes do PCP, que abandonou em 1925, tornando-se jornalista de *O Século*. Foi mais tarde jornalista do *Diário da Manhã*, órgão da União Nacional.

²⁸ Alvernoa, 1878-Lisboa, 1941. Empregado da CP e romancista. Fundador da Federação Maximalista Portuguesa e do seu órgão jornalístico, *Bandeira Vermelha*. Membro do PCP. A sua conversão ao catolicismo durante a Primeira República foi muito comentada. Escreveu *A Catedral* (1920), que teve grande êxito comercial, a «trilogia social» (1920-23) e a «trilogia nacional» (1925-29).

²⁹ Os textos da polémica sobre se o sindicalismo se basta a si próprio estão reunidos no semanário *Terra Livre* (cf. Fevereiro de 1913).

³⁰ Guerrilha dirigida no Leste da Ucrânia pelo camponês anarquista Nestor Mahkno (1918-21). Tendo começado contra o regime imposto pelo ocupante alemão, combateu sucessiva e, às vezes, simultaneamente o directório ucraniano, os generais brancos Denikine e Wrangel e os bolchevistas, que, finalmente, a venceram em condições discutidas.

³¹ Insurreição de operários e soldados da área de Leninegrado contra o poder soviético na fase final do «comunismo de guerra». Foi derrotada pelo Exército Vermelho, sob a direcção de Trotsky (Março de 1921).

³² Nasceu no Porto, onde viveu. Compositor tipográfico. Militante sindicalista (Liga das Artes Gráficas) e anarco-sindicalista. Colaborador da *Revista Gráfica* e d'*A Batalha*. Autor da moção vencedora sobre a questão das Internacionais, no Congresso da Covilhã.

-sindicalista de Lisboa. Recordo-me, pelo menos, destes dois. Outros fervoraram as suas posições marxistas.

Em 1921, a Federação Maximalista publicava então um jornal que era a *Bandeira Vermelha*. Foi várias vezes apreendido pela Polícia, e isso deu-lhe um certo acolhimento, mas não chegou a influir no movimento operário.

Em 1921, então, Carlos Rates, Ferreira Quartel, José de Sousa, Joaquim Cardoso, falecido há pouco tempo e que era o dono daquela livraria na Rua dos Poiais de São Bento, a Renascença, enfim, estes e vários outros, constituíram então definitivamente o Partido Comunista.

CONSTITUIÇÃO DA UNIÃO ANARQUISTA PORTUGUESA

[...] Os grupos [anarquistas] vêm-se constituindo. Vêm-se formando jornais, mas não há uma organização nacional. Os grupos relacionam-se, aproveitando os congressos sindicais. É nestes congressos que os elementos anarquistas se encontram e trocam impressões. Mas não têm uma organização nacional.

É só por 1922, creio, que se constitui a União Anarquista Portuguesa. Esse congresso realizou-se em Alenquer por essa data.

— *Era um congresso legal ou clandestino?*

— Clandestino.

— *Vinham notícias nos jornais?*

— Vinham. Quer dizer, era uma semiclandestinidade, porque a Polícia, no geral — o regime republicano teve essas coisas todas —, considerava que determinadas organizações não eram reconhecidas por lei e, portanto, sabia que existiam, sabia que havia a sua sede, sabia que davam reuniões, mas, se faziam reuniões públicas, ia a Polícia e não consentia.

Isto dava-se com a Juventude Sindicalista. Nas assembleias gerais do núcleo de Lisboa ou nas reuniões do conselho da Federação fazia-se o seguinte: marcava-se o local; vinha enunciado o local n.º 1 e o local n.º 2 e as secções é que sabiam e informavam os seus elementos de qual era o local n.º 1 e o local n.º 2; outras vezes fazia-se a convocação para um lado e estava previamente marcada para outro lado.

Portanto, os congressos da Juventude, as reuniões normais públicas ou que deveriam ser públicas tanto da Juventude Sindicalista como dos anarquistas tinha que se fazer sempre dentro deste molde. Recordo-me até que, no dia em que se realizou o Congresso da Juventude Sindicalista no Barreiro, *A Batalha* dizia: «Realiza-se algures o Congresso da Juventude Sindicalista.» Portanto, essa conferência era assim como que uma semiclandestinidade. Saiu então a União Anarquista Portuguesa.

— *Quem fazia parte inicialmente dessa União?*

— Os dois elementos mais activos nessa ocasião eram o Fernando de Almeida Marques e o Francisco Quintal, irmão daquele Nóbrega Quintal que era advogado. Este rapaz era oficial da marinha mercante. E havia grupos em Coimbra, Lisboa, Porto, Évora, Covilhã e outros pontos.

Constituiu-se a União Anarquista, que passou a publicar um órgão oficial, que era *O Anarquista*.

Aqui começa a dar-se um outro fenómeno: os anarquistas que entendiam a doutrina como uma realização que não dependia do sindicalismo e aqueles que entendiam que o sindicalismo era um grande instrumento de viabilidade para a realização dum comunismo libertário. Não constitui

cisão, não constitui um factor de divisão, mas constitui um motivo de polémica muito necessária e útil e com muito interesse.

— *Quais eram os anarquistas que consideravam que o anarquismo se realizaria sem depender dos sindicatos?*

— Alguns elementos, como, por exemplo, o Francisco Quintal e alguns no Porto — não, no Porto eram todos anarco-sindicalistas. Aqui em Lisboa poucos havia, mas havia ainda alguns em Coimbra — Almeida Costa, o tio deste ministro da Justiça, foi militante anarquista e o próprio ministro, no tempo de estudante, era opositor. E marcou situação política, mas era da oposição, porque um cunhado do meu filho foi colega dele, de curso, em Coimbra e sabia bem.

Mas isto ajudou muito a propaganda. Quando, em 1922, se realizam várias conferências anarquistas em vários pontos do País, havia um jornal do Sul, um órgão do Norte...

— *Como se chamavam?*

— O órgão do Norte foi *A Aurora*, depois *A Comuna*, o órgão de Lisboa era *O Anarquista* e o jornal de Cercal do Alentejo era *A Aurora*. É então que tudo isto vem em competição, muito embora a organização sindical fosse a que de longe tinha mais força e mais prestígio.

CONSTITUIÇÃO DA FAI

— *Então e a FAI?*

— A FAI era uma organização específica dos anarquistas portugueses e espanhóis. A organização portuguesa estava aderente à FAI, mas o movimento sindical, muito embora estivessem ambos integrados na Associação Internacional dos Trabalhadores, não se articulou num organismo comum entre Portugal e Espanha, como teria sido necessário que se fizesse. No Congresso de Saragoça ficou resolvido isso enquanto eu parti para Portugal; deixei os primeiros preparativos para uma reunião mista, mas a Guerra Civil foi logo um mês depois [Junho de 1936].

— *A União Anarquista Portuguesa (UAP) teve algum papel depois de 26? Com a FAI?*

— Era aderente à FAI. Até mais: a FAI era uma proposta da UAP. É a organização anarquista portuguesa que propõe à organização espanhola a formação de uma federação ibérica no congresso dos anarquistas espanhóis em Valência. É lá que é aprovada, e o delegado foi Francisco Quintal, que fez a proposta.

— *Quando é que foi, em 20 e poucos?*

— 21. 21 ou 22. Havia relações constantes, isso havia. Mas os Espanhóis tomaram a sua luta com um entusiasmo tal que estavam convencidos que levavam... Tinham um impulso revolucionário tal...

— *Faltou pouco, mas foi o pouco que faltou...*

— A época era muito difícil; era a época em que o fascismo tinha feito a sua ascensão. E, portanto, pergunta-se hoje: teria sido mais lógico que o movimento revolucionário espanhol tivesse abdicado das suas posições socialistas a favor duma democracia que fosse aceitável pelas potências, ou teria que ser mesmo assim?

Eu continuo a dizer que teria de ser mesmo assim. Se tivessem abdicado das ideias inicialmente, não valia a pena fazer mais nada, porque a democracia acabaria sempre por ser atingida pelo próprio fascismo, que pretendia eliminar todas as veleidades de liberdade que existiam...

— *Esse é, aliás, o período [1918] em que começam a chegar a Portugal notícias da Revolução de Outubro e a organização operária, ao princípio, parece apoiar essa revolução. Mas mais tarde...*

— Nos primeiros momentos da Revolução de Outubro, aqui as notícias são muito vagas. É só talvez em 1918 que começam aqui a aparecer já as coisas mais concretas. De resto, é nessa altura que alguns elementos do movimento operário formam a Federação Maximalista Portuguesa, que recebia as ideias do governo operário do Lenine com satisfação, como uma possibilidade revolucionária, mas a ideia dominante continuava a ser «todo o poder aos soviets», que era o grito da revolução e que cá se interpretava como sendo todo o poder aos sindicatos, que era a própria ideologia do sindicalismo.

Forma-se a Federação Maximalista. Dão-se várias reuniões antes para a sua formação e há o debate entre os anarquistas que não tinham confiança na solução da ditadura revolucionária, na ditadura do Estado, e os que aceitavam os princípios que Lenine punha da ditadura do proletariado e a formação de um governo revolucionário.

Forma-se a Federação Maximalista, mas entretanto, quando o conhecimento mais perfeito dos acontecimentos da Revolução Russa chega aqui, há elementos que deixam a Federação Maximalista Portuguesa e regressam novamente ao movimento operário. É esse grupo que fica na Federação Maximalista que vem depois a criar o Partido Comunista [Março de 1921]. É o Carlos Rates, Ferreira Quartel, Manuel Ribeiro, José de Sousa, que ainda era da Juventude, e vários outros.

— *Manuel Ribeiro ainda continua?*

— Não. Manuel Ribeiro é da fase inicial, e depois deixa o Partido quando faz a sua conversão ao catolicismo. Embora se tenha convertido ao catolicismo, permanece, não abandona as soluções socialistas. Continua até ao fim a ter simpatia pelas soluções socialistas. Mesmo até num dos livros dele, que é sobre o problema do Alentejo, continua, embora metendo o problema religioso de permeio, a defender o ideal socialista. Até ao fim da vida mantém sempre contacto com os velhos militantes com quem ele tinha convivido no movimento sindicalista e depois no Partido Comunista. Mas mais com os do movimento sindicalista.

— *Mas ele nunca chegou a entrar para o Partido Comunista, tenho impressão...*

— Chegou. Foi o primeiro secretário-geral do Partido.

— *Ah sim? O Bento Gonçalves não diz isso [...]*

— O Bento Gonçalves aparece na formação da Juventude Comunista, não na formação do Partido. Na formação do Partido aparece o Carlos Rates, que foi, sem dúvida, um dos homens mais notáveis da formação do movimento sindicalista em Portugal.

Carlos Rates, Ferreira Quartel, Manuel Ribeiro, que vinha também do movimento sindicalista, e outros mais, o António Peixe, o Joaquim Cardoso — estes homens é que foram os verdadeiros fundadores do Partido. O primeiro secretário-geral foi o Manuel Ribeiro. A seguir é que é o Carlos Rates.

— *Depois do 7 de Fevereiro [de 1927], quando a CGT entra na clandestinidade, continua a manter as mesmas relações com o Partido Comunista?*

— Bem, entre o Partido Comunista e a CGT nunca houve relações directas. Com a constituição do Partido Comunista, a CGT marcou a sua discordância. Havia era as relações de indivíduos: os que estavam no Partido tinham militado do lado de cá. Mantinham-se as relações através de indivíduos, através dos organismos não.

De resto, o Partido, nessa altura, não tinha qualquer significação, porque era uma força muito restrita e que ainda se dividia em vários sectores, porque havia um grupo que se mantinha entre o movimento sindical e o Partido Comunista, que era o grupo dos partidários da Internacional Sindical Vermelha, que mantinham a sua posição no movimento sindical e eram partidários de que este aderisse à Internacional Sindical Vermelha.

— *Mas eram controlados pelo Partido Comunista.*

— Bem, estavam mais de lá do que de cá, estavam apenas...

— *Em França há um organismo paralelo a esse, aliás deve ter sido copiado de lá. Há um agrupamento, chamado Comité pour la 3^{ème} Internationale, que também trabalha nos sindicatos.*

— Sim, talvez, porque esses foram os indivíduos, especialmente os da Federação Maximalista, que continuavam a manter aquele princípio «todo o poder aos sindicatos» e que, portanto, dentro do sindicato não entravam no Partido, muito embora o aceitassem como uma solução. Ora, depois do 7 de Fevereiro [1927], o Partido praticamente nem existia.

A seguir ao 7 de Fevereiro existia com um resto, algumas pessoas que ainda mantinham o Partido, mas não tinha apoio nenhum. Aproveitava-se simplesmente da influência que podia exercer no movimento através dos partidários da Internacional Sindical Vermelha que dominavam nos sindicatos dos arsenalistas. Não tinham mais influência em mais nenhum sindicato. Poderiam contar com um ou outro elemento...

— *Não havia um sindicato de marítimos também influenciado pelos comunistas?*

— Os marítimos não eram propriamente influenciados pelo Partido Comunista, eram mais influenciados pelos partidários da Internacional Sindical Vermelha, mas eram os portuários, porque nos marítimos de longo curso o Partido não tinha influência nenhuma.

Era só nos portuários e nalguns portuários: nos descarregadores, nos estivadores, nos conferentes marítimos, só nesses é que o Partido, por via dos partidários da Internacional Sindical Vermelha, tinha alguma influência.

— *E na Marinha Grande?*

— Na Marinha Grande, essa influência do Partido Comunista começa só a manifestar-se depois do período de 29, depois já das mais fortes perseguições a seguir ao 7 de Fevereiro, o ano de 27, 28. 28 é um ano de fortes perseguições e de deportações de muita gente.

É o ano em que se dá a perseguição máxima à CGT, que é quando o Governo do general Vicente de Freitas³³ pretende fazer uma paz política

³³ Ministro do Interior do marechal Carmona em 26 de Agosto de 1927, após o golpe falhado de Filomeno da Câmara. Primeiro chefe do Governo da Ditadura

com a CGT. É o Rocha Martins³⁴ que é o intermediário da proposta. A CGT recusa porque só aceitaria negociações a partir da restauração das liberdades políticas: liberdade de associação, liberdade de imprensa, liberdade de reunião e o direito das associações de exercerem a sua acção sindical.

É claro que o Governo não queria isso. O Governo queria passar a ter uma certa influência no movimento sindical, controlá-lo, dominá-lo.

Foi a recusa, de maneira que é nesta altura que, enquanto as negociações se iam arrastando e se malograram, a Polícia empreende uma razia sobre os militantes sindicais, especialmente aqueles que ela conhecia como os que estavam mais à frente dos organismos centrais, que já estavam na clandestinidade, mas que ela ainda sabia que existiam.

Portanto, 28. Em 29 há um período, digamos, quase de paralisação da acção revolucionária, porque é um período de fortes perseguições, deportações, etc. E é nessa altura que o Partido Comunista se começa a desenvolver. A partir de 29.

É quando aparece Bento Gonçalves, e daí então é que o Partido começa a aparecer e então é que começa a criar núcleos por alguns sítios, e aparece na Marinha Grande com certos núcleos bastante importantes.

REACÇÕES COMUNISTAS AO 7 DE FEVEREIRO

— *E o Partido Comunista que pensava do 7 de Fevereiro [1927]?*

— Ai já não se manifestou. Não houve uma atitude positiva. O Partido Comunista então já se tinha quase desagregado por completo, o Partido nessa altura era uma pequena parcela de elementos sem influência nenhuma. O Partido Comunista só renasce por 1929.

Ora o 7 de Fevereiro dá logo como resultado a destruição do jornal *A Batalha*, da sede da Confederação Geral do Trabalho. Os militantes ficam ainda apoiados nos sindicatos.

As primeiras reacções produzidas entre nós pelos efeitos do 7 de Fevereiro são de reconstrução das forças em grupos de acção que, suplantando a acção dos sindicatos, entrassem numa acção organizada de carácter revolucionário. Começa-se a pensar nos primeiros grupos, grupos individuais, grupos de acção. Além dos que já existiam, estimulava-se a criação de outros grupos.

Então começam a aparecer alguns indivíduos que entendiam que se devia entrar numa acção política.

— *Começam a aparecer na CGT?*

— Nesses grupos. E então [...] criaram-se uns grupos que eram «os rebeldes». Destes, alguns indivíduos vieram a constituir o núcleo do Partido Comunista. É depois de 1928, quando já a acção da Polícia se fazia sentir bastante entre nós, que começam a aparecer alguns núcleos novos do PC, já inteiramente diferente do Partido anterior, pois já não eram os elementos mais antigos, a não ser homens como José de Sousa, que foi quem encadeou o velho Partido com aquilo que aparecia já.

após a primeira eleição presidencial de Carmona (de 18 de Abril de 1928 a 8 de Julho de 1929, data do Governo Ivens Ferraz), primeiro Governo em que participou Salazar. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, opõe-se publicamente ao projecto de Constituição de Salazar (Fevereiro de 1933), em nome de princípios liberais.

³⁴ Belém, 1879-Sintra, 1952. Publicista. Monárquico depois do regicídio. Renovou a imprensa portuguesa, co-fundando o *ABC* (1920). Autor de romances populares de grande divulgação. Participou na oposição ao regime de Salazar em 1945.

Os principais núcleos apareceram no meio académico. Depois começaram a invadir os meios operários; começaram então a aparecer os primeiros grupos clandestinos. Era em 32. O Partido começa a aparecer então em força, especialmente na Universidade.

REORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA A PARTIR DA ACADEMIA

— *Quem eram os membros da academia?*

— O Manuel Mendes³⁵, que foi meu condiscípulo, o Velez Grilo, que tinha andado muito próximo de nós porque era filho dum militante sindicalista do Barreiro, um rapaz da Juventude Comunista que era da Faculdade de Medicina e mais alguns. Apareceu o Rodrigues Miguéis³⁶ e muitos outros nos meios intelectuais.

— *O [Rodrigues] Miguéis esteve ligado ao Partido Comunista?*

— Esteve ligado ao Partido. Bento Caraça³⁷, o próprio Dias Amado³⁸, que estava agora no grupo do Cunha Leal, estiveram ligados ao Partido. Dias Amado, que era íntimo do Caraça, era de Medicina. Mesmo naquela greve académica de 1931, o Dias Amado apareceu numa reunião fazendo parte dos professores que apoiavam o movimento.

Há um caso muito curioso: o Partido irrompe em 1929 já com certa penetração em certos meios, mas aparece com uma acção absolutamente política, procurando nos meios operários uma acção absolutamente demagógica, defendendo soluções tais como o subsídio aos desempregados e um caderno de reclamações de tipo reformista. Faziam muita base no subsídio aos desempregados, visto que, nessa altura, o número de desempregados era bastante grande.

Nós combatemos esse tipo de reivindicações. Preconizámos que fosse feita uma acção de resistência das classes trabalhadoras tendo por objectivo não um subsídio de desemprego, mas uma redução de horas de trabalho, muito embora se reconhecesse que uma redução do horário de trabalho era uma coisa que demandaria uma luta muito grande e, vá lá, um desenvolvimento industrial.

Todavia, parecia-nos a nós, e tínhamos razão nesse ponto, que defender o subsídio no desemprego era adormecer as energias das classes trabalhadoras, com a ideia de que um subsídio era uma solução muito tranquilizadora de tipo reformista que iria quebrar as energias revolucionárias da classe trabalhadora. Então deu-se o célebre 29 de Fevereiro de 1932.

³⁵ Nasceu em 1901. Escultor, pintor, crítico de arte e ficcionista. Foi um dos fundadores do MUD (1945).

³⁶ 1901-Nova Iorque, 1980. Licenciado em Direito. Escritor (*Páscoa Feliz, Saudades para Dona Genciana, Leah*). Fez parte da *Seara Nova* durante os anos 20, tendo as suas tendências «bolchevistas» sido criticadas por António Sérgio. Estudou na Bélgica nos anos 30. Emigrou para os Estados Unidos.

³⁷ 1901-48. Professor de Matemática do ISCEF. Colaborador da Universidade Popular Portuguesa. Dirigiu a Biblioteca Cosmos. O regime de Salazar afastou-o compulsivamente do ensino (1946).

³⁸ Luís Hernâni Dias Amado, Lisboa, 1901-81. Médico (1924) e doutorado em Medicina (Lisboa, 1942) carreira médica e universitária. Afastado compulsivamente do ensino superior por razões políticas (1947). Figura destacada na oposição ao regime de Salazar. Dirigente da maçonaria portuguesa desde os anos 30, grão-mestre adjunto (1955) e grão-mestre (1975-81). Autor de vasta bibliografia científica

Aí por Novembro de 31, o Partido começa a fazer uma campanha grande, a que nós chamámos a «revolta do papel». A toda a hora surgiam por todos os lados manifestos, proclamações, folhas volantes, todos a baterem aquele ponto e tendentes a organizar uma jornada de protesto, que teria lugar a 29 de Fevereiro de 1932, jornada que seria uma acção frontal contra a situação, mas com estas reivindicações. Não era uma acção que tendesse a derrubar o Governo ou, digamos, a criar uma situação revolucionária. Era uma acção que teria por fim conquistar estas reclamações.

Cria-se um clima bastante tenso. Preparam-se grupos de acção. Começa-se a fazer constar que o Partido faria uma acção em profundidade com grupos de choque, que já se estão a preparar. Até nós mesmos acreditámos que isso seria possível, de modo que adaptámos uma atitude de reserva face àquela acção do Partido. Publicámos várias publicações manifestando o nosso desacordo com as reivindicações de carácter reformista do Partido. Não nos opúnhamos ao movimento que se projectava para 29 de Fevereiro. Chamava-se paralisação geral. Não nos opúnhamos, mas advertíamos que não estaríamos de acordo com as reivindicações e que se devia pegar por reivindicações diferentes.

Não há dúvida que no dia 29 de Fevereiro a tensão era enorme. O povo, toda a gente esperava que nesse dia houvesse grande coisa. Todos os dias apareciam papéis por todos os lados. No dia 29 de Fevereiro [não houve nada], a não ser nalguns meios onde era mais importante a nossa influência, em que se fez a paralisação, que não demorou mais que a parte da manhã. A paralisação fez-se entre corticeiros, que estavam nos dois extremos da cidade — Poço do Bispo e Belém — e que eram de influência confederal. Corticeiros, metalúrgicos, construção civil e nada mais.

Os grandes redutos comunistas então eram os Arsenais e os Arsenais pegaram ao trabalho porque havia uma coisa curiosa que já vinha de tempo anterior. A gente nunca acreditava na acção revolucionária dos arsenalistas. Mesmo no tempo em que eles comunicavam muito connosco. E, por isso, os Arsenais da Marinha e do Exército tinham um regulamento que, não proibindo o direito à greve, não permitia ao seu pessoal dar mais de três faltas seguidas sem justificação. Tendo três faltas seguidas, seriam demitidos. As três faltas não eram três dias de falta ao trabalho, mas a manhã e a tarde de um dia e a manhã do dia seguinte. Ora uma greve secundada pelos arsenalistas só era secundada durante dia e meio, porque no segundo dia da parte da tarde eles iam trabalhar.

E, portanto, no dia 29 de Fevereiro, como o núcleo operário mais nutrido era dos Arsenais, foram aqueles exactamente que deram a nota, porque nesse dia pegaram ao trabalho porque o Governo fez sentir nos Arsenais que quem faltasse nesse dia era demitido e o 29 de Fevereiro caiu verticalmente nesse mesmo dia. Mas não há dúvida de que já estava...

— *E como reagiu o Partido Comunista a essa derrota? Não fizeram nada?*

— Nada fizeram. Tudo se passou como se nada tivesse sucedido, porque, como já se ia embalado na mística de que o Partido era a salvação do nosso povo, toda a mística que se tinha desenvolvido à volta do Partido fez aceitar essa coisa como natural.

— *Quantos militantes controlados pela organização comunista é que havia em 1921, 25, 27, 29, 31?*

— Isso é difícil de dizer, porque nessa altura a organização era clandestina. Foi clandestina a partir de 1927. Em 1926, o Partido teria ao todo 200 membros e talvez nem tanto, e 200 membros, mas não todos militantes activos. Militantes activos seriam ao todo uns 50. Isto era o que poderia ser o Partido em 1926.

Depois do 28 de Maio, o Partido quase desaparece, para reaparecer depois do 7 de Fevereiro. Então aí é que tomam embalagem e não há dúvida que tomam um ascendente muito grande.

— *A partir do 7 de Fevereiro?*

— Depois do 7 de Fevereiro. Talvez já em 1928. O 7 de Fevereiro é em 1927, só em 1928 é que ele reaparece, e então é que já aparece outra geração de pessoas. O próprio Bento Gonçalves já é desse tempo.

— *Quais eram as relações do Partido Comunista com os socialistas?*

— Aí por 1923-24, visto que o PC não conseguiu massas operárias nem massas políticas, não conseguiu posição, procurou — o que aliás foi uma acção dos partidos comunistas de todos os países, absorver os partidos socialistas — relações com estes.

Promoveram-se umas palestras contraditórias no centro socialista do Partido, na Rua do Benfornoso, entre elementos do Partido Comunista e elementos do Partido Socialista, em que se debateram diversas posições duns e doutros. Em algumas dessas sessões de contradição nós aparecíamos a ouvir, mas fomos indiferentes.

Mas isso não deu resultado. Os homens do Partido Socialista eram suficientemente espertos para não se deixarem absorver. Também não tinham muito por onde ser absorvidos.

CONFRONTO ENTRE ANARCO-SINDICALISTAS E COMUNISTAS

Quando se constituiu, o Partido Comunista veio com um manifesto às classes trabalhadoras defendendo os princípios da ditadura do proletariado e incitando a organização a aderir a esses princípios. Nessa altura, a CGT marcou posição e há a célebre nota oficiosa que a CGT publicara na imprensa operária em que afirma os seus pontos de vista de anarco-sindicalista³⁹.

A partir daqui, os campos estremam-se. E, se, até então, elementos que tinham estado pela Federação Maximalista continuavam nas posições sindicais e, enfim, o debate de ideias se fazia a um nível ainda de inteira camaradagem, a partir daí começou a hostilidade.

A divisão marcou-se nitidamente. O Partido não conseguiu mais do que uma Juventude Comunista. A cisão no campo sindical não teve repercussões, visto que os elementos que saíram a constituir o grupo não conseguiram levar atrás de si nem massas nem sindicatos. Na juventude é que se produziu uma cisão.

— *Na Juventude Sindicalista?*

— Na Juventude Sindicalista. Foi o José de Sousa, o Alberto Monteiro, o Roque Júnior, enfim, uma porção de rapazes que pretenderam trans-

³⁹ Nota oficiosa do Comité Confederal da CGT de 16 de Julho de 1921, segundo Manuel Joaquim de Sousa, *O Sindicalismo em Portugal* (1932?), Porto, Afrontamento, 1972, que a transcreve, pp. 131-135.

formar a Juventude Sindicalista na Juventude Comunista. Deram-se sessões muito movimentadas em que acabaram por ser batidos e por se retirar e ir constituir a Juventude Comunista.

O Partido Comunista constituiu-se e tinha a sua sede na Rua do Arco do Marquês de Alegrete, n.º 20, onde era o Sindicato dos Ferroviários da CP. Era uma sede onde havia vários sindicatos. Aí é que se instalou primeiro a Federação Maximalista e depois o Partido Comunista.

O Partido conseguiu criar, como organizações próprias, os chamados centros comunistas: o de Lisboa, o do Porto, em Coruche, onde o Ferreira Quartel foi um dos elementos do movimento da classe rural e que tinha certa influência na região de Coruche. Fez ali um centro comunista e um outro creio que em Beja.

— *E no Barreiro?*

— No Barreiro não. De modo que estes pequenos centros não tiveram influência nenhuma. Depois é que se começa a criar.

A QUESTÃO DAS INTERNACIONAIS

[...] Vem a questão das Internacionais quando, no primeiro Congresso da Internacional Comunista [2 a 6 de Março de 1919], o Lenine pôs a questão de que as organizações sindicais deviam aderir à Internacional Comunista, mas os partidos é que preponderavam. Ao Congresso da Internacional Comunista foram organizações anarco-sindicalistas de muitos países da Europa e da América Latina.

Portugal não se fez representar directamente. Mas a CNT, de Espanha, esteve e depois, embora tivesse aceite, em princípio, aderir à Internacional, essa adesão não se efectivaria enquanto não se destrinçasse se as organizações sindicais tinham absoluta independência dentro da Internacional.

O Lenine persistiu na ideia de que os partidos deviam preponderar e pouco depois aventa-se então a hipótese da constituição da Internacional Sindical Vermelha, que era uma internacional de tipo sindical, muito embora orientada ou, pelo menos, influenciada pela Internacional Comunista⁴⁰. Faz-se o congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha e a organização portuguesa faz-se representar.

⁴⁰ É durante o II Congresso da Terceira Internacional, ou Internacional Comunista (IC), de 19 de Julho a 7 de Agosto de 1920, que começa a esboçar-se uma organização sindical internacional controlada pelos comunistas. Uma reunião à margem e no final do II Congresso, em que participaram delegados russos, italianos, búlgaros, alguns ingleses e um francês, afirmando representar 8 milhões de sindicalizados, estabeleceu o Conselho Sindical Internacional, mais conhecido pela sigla russa Mezhsvoprov, presidido por Lozovski. A Internacional Sindical Vermelha, mais conhecida pela sigla russa de Profintern, só veio a ser fundada em 3 de Julho de 1921, já depois do III Congresso da Internacional Comunista, por 380 delegados de 41 países, que diziam representar 17 dos 41 milhões de sindicalizados no mundo. Autorizava a dupla filiação aos sindicatos membros. (Cf. E. H. Carr, *The Bolshevik Revolution*, 3 vols., Penguin Books, Harmondsworth, 1966.) Ao passo que o Mezhsvoprov foi constituído num período de ofensiva comunista, o Profintern vai estabelecer-se no começo da fase de recuo. Englobou de início sindicalistas revolucionários na Europa ocidental e nos Estados Unidos (os International Workers of the World [IWW]), organização centralizada e subordinada à IC, não conseguiu controlar a maioria do movimento sindical ocidental, mas teve mais êxito na associação dos sindicatos das colónias. O Profintern veio a protagonizar o conflito inerente entre a participação dos comunistas no movimento sindical e a teoria da «correia de transmissão».

A organização portuguesa tinha admitido anteriormente que, por uma questão de solidariedade internacional, isto antes da criação da Internacional Comunista, aderiria à Segunda Internacional se as outras organizações sindicais afins dos outros países de tendência anarco-sindicalista viessem a materializar também essa adesão e se dentro da Segunda Internacional não fosse também criada a influência dos partidos socialistas ⁴¹. Essa adesão, portanto, nunca se chegou a efectivar.

Mas, quando foi o congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha, a CGT mandou a Moscovo um delegado, Perfeito de Carvalho, que era operário gráfico e que era na ocasião redactor do jornal *A Bata-lha* ⁴².

Perfeito de Carvalho era um rapaz da Juventude Sindicalista, onde se tinha formado. Tinha muito espírito, era muito vivo e inteligente.

E foi ao Congresso da Internacional Sindical Vermelha e não regressou. Ficou por lá pouco tempo, depois regressou a Paris. Em Paris foi instado para vir a Portugal dar conta da sua missão. Nunca veio, nunca respondeu aos convites que lhe foram feitos.

Entretanto criava-se aqui um grupo de partidários da Internacional Sindical Vermelha, constituído, em grande parte, pelos elementos da tendência sindicalista, os chamados sindicalistas de «fecha a roda». Era o João Pedro [Santos] ⁴³, eram especialmente os homens dos Arsenalistas da Marinha e dos Arsenalistas do Exército. Alguns filiados no Partido Comunista, outros não filiados, mas simpatizantes, que fizeram um grupo, os chamados Partidários da Internacional Sindical Vermelha.

— *Isso foi quando?*

— Isso foi por 1919, 1920. Portanto, passou a haver a CGT, já acen-tuadamente anarco-sindicalista, o núcleo do Partido Comunista e o grupo dos Partidários da Internacional Sindical Vermelha, estes um tanto marginais à CGT, muito embora militassem dentro dos sindicatos confederados, no entanto muito mais ligados ao Partido Comunista. É na altura que se começa a debater então a adesão às Internacionais.

Entretanto, o congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha fracassou porque não deu satisfação às organizações sindicalistas e sindi-calistas libertárias e os elementos que estiveram no Congresso da Inter-nacional Sindical Vermelha vieram a formar a Conferência dos Sindica-listas Revolucionários de Berlim, em 1921.

E é nessa Conferência de Berlim que se reconstitui a Associação Internacional dos Trabalhadores, ou Internacional, com as características

⁴¹ Refere-se à Internacional Sindical de Amesterdão, fundada numa reunião nesta cidade, em Julho de 1919, por 91 delegados, representando 17,7 milhões de trabalhadores de 14 países industrializados. Adoptou um programa de reformas de inspiração proudhoniana. A fundação da Internacional Sindical é anterior ao restabelecimento da Internacional Socialista (Julho de 1920). Agrupou a maioria dos sindicalizados da Europa ocidental e da América do Norte entre as duas guerras. Era a reconstituição da Federação Sindical Internacional (International Federation of Trade Unions (IFTU)) que existira antes da primeira guerra mundial, conservando a característica descentralização da IFTU.

⁴² 1893-Paris, 1958. Tipógrafo. Secretário-geral da Federação do Livro e do Jornal. Forte personalidade: falava com «eloquência» e escrevia com «elegância» (Alexandre Vieira). Gostava de beber e vestia desmazeladamente. Era músico amador e poliglota. Tendo casado com uma senhora russa, ficou a viver em França.

⁴³ Nasceu em 1874. Operário correeiro. Chefiou durante longos anos a oficina do Arsenal do Exército. Militante sindical e mutualista. Gozava de grande prestígio.

da Primeira Internacional, daquela que tinha sido reafirmada no Congresso de Saint-Imier ⁴⁴.

Esta conferência das organizações sindicalistas em Berlim tem repercussões em Portugal, porque as suas resoluções são largamente divulgadas em Portugal por intermédio d'*A Batalha*.

— *Estava lá algum português?*

— Não. Não estava português nenhum, mas houve relações entre nós e os Espanhóis. Os Espanhóis é que estiveram lá, porque os Espanhóis, esses, afinal, estavam sempre em todo o lado. De modo que se estabeleceram relações entre a CGT portuguesa e a Associação Internacional dos Trabalhadores, que saiu da Conferência de Berlim.

Nesta altura, isto provoca dentro da organização o chamado debate da questão das Internacionais. A defesa da AIT, os comunistas e os partidários da Internacional Sindical Vermelha defendiam a adesão à Internacional Sindical Vermelha. A questão da Federação Sindical Internacional, que era a Segunda Internacional de Amesterdão, essa estava já inteiramente posta de parte.

Aqui começa a debate e começa o que se chama o princípio duma cisão, que só muito mais tarde viria a consumir-se.

Realiza-se entretanto o Congresso da Covilhã de 1923, nele se dando já a adesão definitiva à tese de relações internacionais, que estabelece já o princípio da adesão à Internacional. No Congresso da Covilhã estavam alguns delegados que constituíam o grupo dos Partidários da Internacional Sindical Vermelha, mas os sindicatos que a apoiavam eram uma escassa meia dúzia — os Alfaiates do Porto, os Arsenalistas de Lisboa da Marinha e do Exército, os Rurais de Coruche e não me recordo de mais; mas eram uns seis sindicatos.

De modo que foi votada a adesão à Internacional de Berlim, mas houve o cuidado de não sair do Congresso a resolução definitiva. Acentuou-se que se devia fazer um plebiscito à organização geral e que esse plebiscito que se fizesse entretanto seria confirmado depois do congresso que se realizaria a seguir. O debate foi bastante animado e tem graça que a posição anarco-sindicalista foi fulgurantemente marcada pelo delegado da Juventude Sindicalista que estava presente no congresso.

— *Quem era?*

— Era Fernando de Almeida Marques, que era dos Arsenalistas da Marinha. A sua posição, o seu discurso de defesa da AIT, esse foi como que o final da discussão, porque ficou o assunto esgotado e se passou à votação quase que imediata. Todavia, não arrefeceu o entusiasmo de parte a parte.

É memorável, dessa altura, a série de artigos que Manuel Joaquim de Sousa publicou n'*A Batalha* com o título «À boa paz», em que foi refutando uma a uma todas as teses postas pelo Partido Comunista e pelos Partidários da Internacional Sindical Vermelha. Isto criou-lhe uma certa inimizade, porque os comunistas nunca lhe perdoaram o ele ter tomado uma

⁴⁴ Efectuado em 15 de Setembro de 1872, pouco depois do Congresso de Haia, institui a Internacional antiautoritária, englobando sobretudo anarquistas suíços, espanhóis, italianos e o próprio Bakunine. Agrupando militantes, durou até ao Congresso de Verviers (6 a 8 de Setembro de 1877). Entre os princípios aprovados em Saint-Imier figura a greve geral e o princípio federativo na organização da Internacional, oposto ao centralismo marxista.

atitude tão clara nessa altura. Entretanto, o debate continuou e fez-se o plebiscito. Eu tenho os resultados, mas não os trouxe.

— *Vêm referidos no livro de Manuel Joaquim de Sousa [O Sindicalismo em Portugal].*

— A aprovação foi por uma esmagadora maioria. Pretenderam contestar a veracidade do plebiscito, mas não há dúvida de que foi incontestável ⁴⁵. Entretanto deram-se dois Congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores, a que foram delegados portugueses.

— *Quem?*

— Ao Congresso de Amesterdão foi o Manuel da Silva Campos, que era secretário-geral da CGT nessa altura, operário manufactor de calçado. À Conferência de Paris foi o Manuel Joaquim de Sousa, também manufactor de calçado e que era secretário da CGT nessa ocasião.

Depois, no Congresso de Santarém em 1925 é que é definitivamente confirmada a adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores e é onde fica notavelmente marcada a tendência anarco-sindicalista.

Já na Covilhã ficou acentuada, porque o Congresso da Covilhã discutiu a estrutura orgânica da CGT, que é a célebre Organização Social Sindicalista, que é o estatuto orgânico da CGT, onde se defende um sindicalismo revolucionário de finalidade comunista libertária ⁴⁶.

Ora, portanto, na ocasião em que se constitui o Partido Comunista existia a CGT e criou-se depois o grupo dos Partidários da Internacional Sindical Vermelha, mas já existia uma organização nacional anarquista.

Os grupos anarquistas tinham vindo desde o seu aparecimento por mil oitocentos e sessenta e tal, depois do Congresso de Saint-Imier, mas não tinham uma organização nacional.

5. OS OPERÁRIOS E ALGUMAS QUESTÕES POLÍTICAS

OS OPERÁRIOS PERANTE SIDÓNIO

O Sidónio era um caso estranho. Quando rebentou a guerra, os partidos republicanos eram a favor da intervenção de Portugal, ao lado dos Aliados, na guerra, o que era completamente inaceitável pelo operariado. As Juventudes Sindicalistas empreendiam boicotes aos comícios republicanos desse tempo. Era o Aurélio Quintanilha ⁴⁷, estudante de Medicina.

Há, portanto, uma divisão nos meios políticos entre anglófilos e germanófilos. O Sidónio, germanófilo, faz o movimento do 5 de Dezembro, que, embora reaccionário, tinha o objectivo de impedir que fossem mais homens para a guerra. Isto teve o apoio popular.

⁴⁵ Os resultados do plebiscito de 28 de Setembro de 1924 foram os seguintes: 104 sindicatos a favor da AIT; 6 sindicatos a favor da ISV. No Congresso da Covilhã, a moção Clemente Vieira dos Santos, rejeitando a ISV e a Internacional de Amesterdão, fora aprovada por 55 sindicatos e rejeitada por 22, mas houvera 8 abstenções e, sobretudo, 57 ausências.

⁴⁶ Transcrito em Manuel Joaquim de Sousa, *op. cit.*, pp. 193-216.

⁴⁷ Nasceu em Angra do Heroísmo, em 1892. Botânico. Doutorado em 1926. Catedrático, é afastado do ensino (1935). Estudara na Alemanha e em França, no final dos anos 20 e princípios dos anos 30. Foi viver para Moçambique em 1943. Período de mais forte militância política entre 1910 e 1915, tendo sido membro do grupo anarquista Brochura Social (Fevereiro de 1913), com Neno Vasco e Sobral Campos (Carlos Fonseca).

Tanto que o Sidónio teve a colaboração de alguns meios operários. Houve um grupo de homens do meio operário que foi para o grupo do Sidónio: o Sebastião Eugénio, um destacado dirigente corticeiro ⁴⁸; o João Corticeiro, que depois foi um aventureiro da política; o Bourbon e Meneses, um intelectual anarquizante, e mais alguns. Depois, até passaram para o funcionalismo público.

O Sidónio era, ao contrário de Salazar, um tipo que aparecia em todo o lado, mesmo nos momentos de perigo. Tinha um ar simpático, angelical, e era corajoso. Isto criou-lhe uma grande simpatia popular e o movimento operário não o hostilizou porque ele queria pôr fim à guerra.

Mas, quando os operários começaram a reivindicar, começou a reacção, e então opuseram-se ao Sidónio. Mas ele tinha uma aura popular, era a sopa dos pobres, eram festas aos miúdos... E as mulheres é que eram a grande força a favor do Sidónio...

Não há dúvida que, em comparação com o António [Salazar], ele era um homem de coragem. De modo que isto lhe motivou um certo prestígio público. Portanto, a organização operária, quando a revolução triunfou, a União Operária Nacional pôs-lhe as reivindicações da classe operária.

Ele não opôs obstáculo nenhum, mas, claro, as coisas começaram a apodrecer e o agravamento da situação económica era cada vez maior, as reclamações não foram atendidas, até que se prepara a greve geral de 1918, em que então a Situação mostra claramente a sua ferocidade contra as classes trabalhadoras.

[...] Aquele período de um ano é o período de expectativa. E é o período de satisfação, visto que não tinha ido mais ninguém para a guerra. É este o apoio popular que se pode dizer que o Sidónio recebeu do movimento operário, que se traduziu simplesmente não num apoio político, mas num apoio público, mas em ser recebido sem hostilidade, visto que ele vinha satisfazer uma forte aspiração popular, que era o fim da guerra.

A CGT CONTRA O 18 DE ABRIL

[...] Até que chegamos à triste altura da primeira tentativa de estabelecimento da ditadura em Portugal — 18 de Abril de 1925. Há uma manhã em que aparecem tropas no Parque Eduardo VII, que era o local de concentração de todas as revoluções, o sítio onde está o Ritz.

— *O «morro do Sidónio».*

— Era o Sinel de Cordes ⁴⁹, Filomeno da Câmara ⁵⁰ e o Raul Esteves ⁵¹, portanto três militares vindos das forças monárquicas, dos lados mais reaccionários.

⁴⁸ ?-23 de Junho de 1926. Corticeiro. Bom orador e organizador de greves. Revolucionário do 5 de Outubro. Tendo aderido ao sidonismo, foi nomeado representante dos trabalhadores na comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa (1918) e segundo-oficial do Ministério da Agricultura.

⁴⁹ 1867-1930. Oficial do Exército. Chefe do estado-maior do Corpo Expedicionário Português em França (1918). Promovido a general a seguir ao 28 de Maio. A sua gestão como ministro das Finanças da Ditadura Nacional (9 de Julho de 1926 a 18 de Abril de 1928) foi muito criticada.

⁵⁰ 1873-1934. Oficial da Armada. Governador de Timor (1911-13). Ministro das Finanças no efémero Governo Gomes da Costa (12 de Junho de 1926). Dirigiu um golpe falhado contra Carmona (Agosto de 1927). Alto-comissário em Angola (1929), é afastado após a revolta local de 20 de Março de 1930.

⁵¹ 1878-1955. Engenheiro militar. Membro do Corpo Expedicionário Português em França. Comandante do batalhão de sapadores dos caminhos-de-ferro, teve papel

A CGT, nessa manhã, declara a greve e junta-se no Rossio muita gente.

— *Mas já sabiam que ia haver uma conspiração militar?*

— Não. O movimento militar tinha deflagrado de manhã, de madrugada. Junta-se gente no Rossio e o Manuel da Silva Campos, então secretário-geral da CGT, improvisa no Rossio um comício e convida todo o povo trabalhador a caminhar sobre a Rotunda.

— *Porque é que os sindicatos, nessa altura, tomaram posição contra os militares?*

— Porque as tentativas do Exército eram já para restabelecer uma ditadura militar. Outras tentativas anteriores tinham sido feitas, umas de tendências radicais, outras de tendências de diversos partidos políticos, mas aquele grupo do Mário Pessoa ⁵², especialmente o Mário Pessoa e os militares que andavam à volta dele, procurava por todas as maneiras conspirar e tinha constituído a célebre União dos Interesses Económicos, que era uma concentração de forças reacconárias. Portanto, estávamos atentos a todos esses movimentos.

— *Não houve nenhuma tentativa deles para aliciarem sindicalistas?*

— Não. Nunca quiseram nada connosco. Era o ódio cego; os nossos conservadores foram sempre cegos e obstinados, nem sequer tendo inteligência para tentar surtidas dessas. Era um ódio feroz a tudo o que não fosse tradicional, àquilo que saía do campo deles.

O movimento foi facilmente jugulado, mais pela acção popular, porque foi a rapaziada das Juventudes que entrou no Parque Eduardo VII, atacando o reduto à bomba, enquanto as forças militares se entretinham a disparar tiro contra tiro, como na guerra do Raul Solnado.

— *E deram armas à população?*

— Não. Não deram armas. As bombas eram a arma da rapaziada. Era a bomba de cloreto de potássio, que depois se foi aperfeiçoando com diversas técnicas.

Lembro-me na manhã da revolução do 7 de Fevereiro [de 1927], quando Agatão Lança ⁵³, depois da revolta do Quartel dos Marinheiros, de Alcântara, vem a comandar a força de marinha na direcção do Rato.

Ao passar na Rua da Escola Politécnica, sai do Jardim Botânico o Daniel Severino, das Juventudes Sindicalistas, com duas malas com bombas que estavam até a ser carregadas por outros rapazes.

O Agatão Lança, ao vê-lo e como o conhecia, brada alto à força, dirige-se àquele com certo nervosismo e grita-lhe: «Daniel, fora daqui, que não te posso ver.» Era um certo medo dos militares pela bomba!

importante na repressão das greves ferroviárias. Participou na preparação do 28 de Maio. Falou em nome do Exército na reunião da Sala do Risco do Arsenal da Marinha (1930). Fora presidente da administração dos Caminhos-de-Ferro do Sul e Sueste (1920).

⁵² Nasceu em São Martinho da Covilhã, em 1890. Oficial do Exército. Monárquico, esteve com Paiva Couceiro na Galiza. Regressou a Portugal para combater na primeira guerra mundial. Participou no 18 de Abril e no 28 de Maio. Foi segundo-comandante de caçadores 5 (Lisboa), quartel então influente politicamente. Ajudante-de-campo do subsecretário da Guerra, Santos Costa (de Agosto de 1938 a Novembro de 1944).

⁵³ Nasceu em Baião, em 1894. Oficial da Armada e político. Abatido ao efectivo da Armada em 21 de Janeiro de 1929. Preso e deportado após o 7 de Fevereiro. Tendo regressado a Portugal, dedicou-se ao comércio no Porto.

— [No 28 de Maio] que fizeram os sindicatos enquanto as tropas desciam de Braga para Lisboa?

— O movimento manifesta-se em Braga. Em Lisboa produz-se uma certa agitação. Há manifestos. *A Batalha* procura sondar quais os fins do movimento e, quando os tipos chegam ao Porto, começam a fazer declarações que *A Batalha* regista, e então começa-se a notar que, enquanto havia alguns militares mais comedidos nas suas declarações públicas, alguns chefes militares já acentuavam o carácter ditatorial. A CGT começa a empreender uma acção que pudesse obstar a isso.

Eles tinham já entrado no Porto e tomado a cidade. Depois, em Lisboa confiava-se que Coimbra não deixaria passar, porque a guarnição de Coimbra era fiel ao Governo. Entretanto, nós preparávamos as nossas forças para qualquer emergência. Mas Coimbra entrega-se porque a conspiração era já muito larga.

Então é que se começa a ver que o movimento é mais ameaçador, de modo que, quando a guarnição de Évora, comandada pelo marechal Carmona⁵⁴, pretende deslocar-se a caminho do Norte, os ferroviários declaram a greve e os comboios param. Ele teve que vir pelos meios próprios.

No entanto, há agitação, mas o País começa a ficar indeciso. As forças republicanas estavam todas com o movimento, excepto o Partido Democrático, pelo qual ninguém tinha simpatia, visto que era o partido que estava no Governo.

Era o partido que tinha tomado as posições mais conservadoras da República, muito embora houvesse partidos que se formavam ainda à direita, como o Partido Nacionalista e a União Liberal Republicana, do Cunha Leal.

Estes, todavia, não tinham responsabilidades, não tinham a força que tinha o Partido Democrático, que tinha sido sempre instrumento de todas as violências contra a classe trabalhadora.

Portanto, a indecisão: o que é que vem? O Governo que está em Lisboa? Mas o Governo que está em Lisboa é o que a gente conhece. O que vem são os militares; pois é, mas vamos lá ver qual a posição que devemos adoptar.

A província estava já paralisada. Os focos fervilhantes eram Lisboa, Porto, Coimbra e Évora, mas estes estavam perante a dúvida de qual a posição a adoptar entre estes dois extremos: o Governo ou a revolução. As forças militares eram já dominantes e a própria Polícia, todo o aparelho repressivo do Governo estava preparado já para a revolução. Não lhes foi difícil, portanto, dominar todo o País antes de triunfarem.

— O Governo que estava no poder em Lisboa não apelou para os trabalhadores?

— Nada. O Governo nunca apelou para os trabalhadores. Limitou-se a dar umas simples notas à imprensa, que dominava a situação, que eram focos militares sem importância.

⁵⁴ 1869-1951. Oficial do Exército. Chefou o golpe contra o marechal Gomes da Costa. Presidente da República desde 9 de Julho de 1926 até à data da morte (18 de Abril de 1951). Apoiou sempre Salazar, ainda que este o encarasse como uma fonte de conflito ao menos potencial.

Só numa noite, quando já o Gomes da Costa ⁵⁵ vinha a caminho de Lisboa, o Dr. João Camoesas ⁵⁶, que era um elemento notável do Partido Republicano Português, mas que era um homem simpático, um homem que tinha tido sempre uma atitude de compreensão para com as classes trabalhadoras, foi à CGT perguntar se a gente aceitava armamentos para combater o movimento. Sim, disse a CGT, do que precisamos é de armas. Pois bem, ficou aprovado que nos seriam entregues armas, mas nunca foram entregues as armas.

— *Em que dia terá ele ido à CGT?*

— Já a uns tantos dias de Junho. [...] Os próprios republicanos aplaudiam a revolução.

Sucedeu até este facto: a um domingo em que Gomes da Costa ainda viria a caminho por Coimbra, o Rossio estava cheio de gente que procurava notícias. Fervilhavam boatos, corria-se para qualquer lado. Se houvesse necessidade de lutar, se houvesse um ponto de resistência, corria-se.

Corre a notícia de que o Gomes da Costa chegava no rápido que chegava à tarde. Aquela multidão corre para a Estação do Rossio. É exactamente a multidão operária incitada por nós. Nós agitávamos o problema.

Falava-se por todos os lados em fazer uma manifestação hostil ao Gomes da Costa. Pois, quando a gente entrou na Estação do Rossio a cantar *A Internacional* e aos brados de «Abaixo a ditadura! Abaixo o movimento!», foram os próprios republicanos que vieram ao nosso encontro a pedir que não nos manifestássemos, que tivéssemos confiança, porque o Gomes da Costa era do Partido Radical, que o movimento era republicano e outras coisas mais.

E neste período de exaltação começa-se a discutir e daí a bocado a Estação do Rossio era um campo de batalha em que nós, os republicanos...

— *Que republicanos é que vieram?*

— Vários tipos que a gente conhecia de vários partidos, daqueles que normalmente acorriam nas ocasiões de perigo.

OS COMUNISTAS E O 28 DE MAIO

— *Em relação ao 28 de Maio, qual era a posição dos comunistas?*

— O tal Comité de Defesa Proletária marcou uma atitude de expectativa perante o movimento. Porque há até um célebre artigo do Ramada Curto ⁵⁷ falando do descalabro económico do País e que seria necessário, naturalmente, um período firme para restabelecer o equilíbrio económico e as liberdades do País. O Comité de Defesa Proletária preconizava que houvesse um certo *attentisme*, aguardando as oportunidades. Na verdade, o Gomes da Costa era do Partido Radical.

⁵⁵ 1863-1929. Oficial do Exército. Comandante da divisão portuguesa em França. Candidato a deputado pelo Partido Radical. Destituído da chefia oficial da Ditadura Militar a 9 de Julho de 1926. Desterrado para os Açores, é promovido a marechal em Novembro daquele ano. Nos últimos anos da vida viveu dominado por problemas financeiros pessoais, ao mesmo tempo que as suas faculdades intelectuais declinavam rapidamente, tornando-o presa dos que o rodeavam.

⁵⁶ Nasceu em Elvas, em 1887. Caixeiro primeiro, médico posteriormente. Ministro da Instrução (1923-25) pelo PRP. Deportado para Angola (1932), de lá emigrou para os Estados Unidos.

⁵⁷ 1886-1961. Advogado, Dramaturgo. Colaborador da imprensa. Deputado às Constituintes de 1911. Ministro. Dirigente do Partido Socialista no final dos anos 20.

— O José da Silva⁵⁸ diz que no II Congresso do Partido Comunista, um dia depois do 28 de Maio, chegou a haver uma proposta do Partido Comunista para uma união contra esse movimento e que foi feita quer à CGT quer à Esquerda Democrática. É o único que menciona esse facto.

— Nessa altura, o Partido Comunista era uma coisa insignificante, assim como o Partido Socialista. Mas o Partido Socialista, mesmo assim, tinha mais elementos. O Partido Comunista propôs ao Partido Socialista um comité, chamado Comité de Defesa Proletária e que era uma concentração da CGT, do PC, do PS e da Esquerda Democrática.

A CGT não aceitou e por este facto simples: o que era o Comité de Defesa Proletária? Não era nada.

A Esquerda Democrática era um partido da burguesia liberal, que portanto não tinha interesses nenhuns afins connosco. Tinha até pessoas que nos eram antipáticas, muito embora houvesse outras por quem houvesse uma simpatia pessoal, como, de resto, havia nos outros partidos pessoas que tinham uma certa simpatia.

O Partido Democrático tinha uma pessoa com uma certa aceitação entre nós, que tinha um certo prestígio, era o Dr. João Camoesas, médico.

Era um homem que tinha tido sempre uma linha política de coerência, que tinha sido ministro da Instrução Pública, preconizando uma reforma da educação em Portugal, que tinha apresentado até um programa muito interessante, mas... mais nada.

Por outro lado, quais eram as forças do PS? Quais eram as forças do PC? Não eram nenhuma... Eram dois partidos que queriam somar-se à CGT para tirarem partido dela. Não era que nós não quiséssemos que eles se somassem a nós. O caso é que isso não tinha significação nenhuma.

E nós mantínhamos desde o princípio que a luta era nós contra o regime político. E, portanto, continuamos a não partilhar, porque, no fundo, o Partido Comunista o que queria era dominar a organização sindical e, portanto, nós não aceitámos o Comité de Defesa Proletária, porque o objectivo é esse e, por outro lado, não acrescentava nada à solução das circunstâncias.

O PARTIDO RADICAL NO 28 DE MAIO

[...] Vamos agora ao Partido Radical, de onde eu disse que saiu um manancial de gente para a PIDE. O Partido Radical era o que aparecia como o mais à esquerda da República.

O homem-cabeça do Partido Radical era o Dr. Lopes de Oliveira, o Pai Lopes, que depois também acabou por se enternecer pela sorte das nossas colónias e do nosso património colonial. Houve naquela altura, quando foi o recomeço da acção nas colónias...

— Quando Ramada Curto foi falar à Emissora Nacional?

— O Ramada Curto, o Lopes de Oliveira e outros. Todos vieram com a missão civilizadora e com o nosso património colonial. O Lopes de Oliveira também. Afinal era um homem simpático, que tinha até simpatia entre nós. Mas o Partido Radical tinha aglutinado todos aqueles elementos

⁵⁸ Nasceu em 1896. Operário manufactor de calçado. Foi viver para o Porto em 1909. Militante anarco-sindicalista e, posteriormente, comunista. Autor de *Memórias de Um Operário*.

que ferviam contra o Partido Democrático, que eram os restos do sidonismo.

— *Os elementos do sidonismo foram para o Partido Radical?*

— Sim, restos de sidonistas, porque não tinham visto possibilidades de se reconstituir e que vieram ao Partido Radical, como o célebre Martins Júnior, que era um construtor civil, um rico construtor civil, que despendia muito dinheiro num jornal, que era *O Libertador*, que fazia uma campanha bastante demagógica ⁵⁹.

E tinham uns grupos revolucionários radicais. Havia uns grupos de acção no Partido Radical. Portanto, aglutinava aqueles elementos que procuravam uma oportunidade para derrubar o Partido Democrático. Não porque fossem liberais, mas porque afinal eram descontentes: uns, do sidonismo; outros...

— *Nessa altura ainda havia a Formiga Branca?*

— Sim, ainda havia, mas já estava um bocado desfalcada. Teve grande preponderância naquele período entre a guerra e 1922-23, depois já não eram tão salientes. Depois era o grupo dos treze, o grupo que fazia as suas sortidas, uma espécie de esquadrão da morte, mas não conseguindo ter a acção de um esquadrão da morte. Fizeram um assalto a *A Batalha*.

De modo que, quando veio o 28 de Maio, [...] depois que se formaram os serviços de informação do Ministério da Guerra, que já existiam e que se transformaram em polícia de informação, muito daquela gente [...] do Partido Radical constituiu logo o núcleo da Polícia de Informação.

E o partido que deu mais gente para a Situação foi o Partido Radical. Porque, por exemplo, partidos como o do Cunha Leal deram elementos políticos que começaram a andar, a manobrar, mas que, enfim, alguns até depois se foram queimando, e produziu-se aquele fervilhar de intrigas dentro da Situação.

Começaram-se a eliminar pessoas e muitos desses homens foram também queimados logo nas primeiras horas. Portanto, quando o Cabeçadas ⁶⁰ recebeu das mãos do Bernardino Machado ⁶¹ a presidência da República, supondo o Bernardino Machado que assim a entregaria a um republicano com tradições que poderia assegurar as instituições republicanas, houve ali um momento de calma a ver para que lado as coisas caíam.

O Governo que se formou constituía-se de grandes militares e civis, mas depois há um triunvirato [...] dividiu as pastas entre si. Depois então é que se dá aquele primeiro golpe reaccionário, que é quando

⁵⁹ Abrantes, 1883-Lisboa, 1946. Construtor civil. Saiu do PRP para o Partido Radical no começo dos anos 20. Fundou o semanário político *O Libertador* (1923). Elemento preponderante na revolta de Almada (2 de Fevereiro de 1926) contra o PRP. Após a derrota da revolta, foi desterrado para os Açores. Convidado para vereador da Câmara Municipal de Lisboa após o 28 de Maio, não chegou a ocupar o cargo.

⁶⁰ Rio de Janeiro, 1851-Porto, 1954. Doutorado em Filosofia (1876). Deputado monárquico (1880), par do Reino (1890) e ministro da Monarquia. Dirigente do PRP (1902). Membro do Governo Provisório (1910). Duas vezes presidente da República, duas vezes o seu mandato foi interrompido por golpes militares: de 6 de Agosto de 1915 a 8 de Dezembro de 1917 (Sidónio) e de 11 de Dezembro de 1925 ao 28 de Maio.

⁶¹ 1883-1965. Oficial da Armada. Comandou o *Adamastor* na implantação da República. Depois de receber a legalidade republicana das mãos do presidente da República, Bernardino Machado, após o 28 de Maio, é demitido por Gomes da Costa.

levam o Carmona a presidente. Demitem o Cabeçadas e veio o Carmona, que era então ministro dos Negócios Estrangeiros.

A CGT E O 7 DE FEVEREIRO

Então é que se começam a definir as posições reacconárias. Começam também as conspirações revolucionárias do 7 de Fevereiro [de 1927], que é feito utilizando o equipamento do Partido Republicano Português, que dispunha ainda de posições-chave, ainda não perdidas com o 28 de Maio. Verifica-se depois que a Esquerda Democrática influíu muito na sua organização.

A revolução entra a valer, mas o Governo dispunha de maiores forças militares. Está por fazer a história para se esclarecer porque é que rebentou no dia 3 no Porto, e em Lisboa só a 7, dando tempo ao Governo para preparar tropas para irem dominar a revolta do Porto. Muitos de nós fizemos pressão sobre o comité revolucionário, que estava instalado em S. Pedro de Alcântara, no Hotel Bristol, que havia ali...

— *Qual comité?*

— O comité do movimento de 7 de Fevereiro, que era o João Pedro dos Santos, do Partido da Esquerda Democrática. Eram vários vultos e o Agatão Lança. Esses homens já tinham um movimento preparado em Lisboa. Nós fizemos pressão neles e só no dia 7 é que o movimento se deu em Lisboa.

Quer dizer, quando o movimento se deu em Lisboa, já estava praticamente perdido no Norte. Estes desfasamentos, que, não há dúvida, deveriam ser resultado das indecisões no meio político, as intrigas, os elementos que andavam à procura de diversas posições, desarticulavam toda a resistência. Depois todos os elementos insurreccionais são produto dessas intrigas.

— *Mas no 7 de Fevereiro houve muitos operários a pegar em armas?*

— Houve, sem dúvida. As forças militares do 7 de Fevereiro eram do quartel dos marinheiros de Alcântara, do quartel da Guarda Republicana da Estrela, alguns praças do quartel da Guarda Republicana que havia em Alcântara, em frente ao quartel dos marinheiros antigo, que eram meia dúzia de praças, e outros elementos que saíram dum ou doutro quartel.

Os sapadores mineiros, que era lá em cima onde eram os telegrafistas, aderiram ao movimento e deixaram-se ficar no quartel. Portanto, o resto do movimento foi feito com a massa popular.

— *E tinham armas ou não?*

— Tinham armas, que apareceram ali no Rato levadas pelos marinheiros, pela Guarda Nacional Republicana e pouco mais. Depois lutou-se à bomba, lutou-se pelo assalto improvisado. O movimento ficou logo por ali. Foram três dias de resistência, mas o movimento já não saiu dos limites da área onde tinha eclodido.

Foi do Rato a São Pedro de Alcântara, Rua Alexandre Herculano até ao Parque, porque depois o Carmo ficou a cortar: o quartel da Guarda Republicana do Carmo ficou já a limitar a expansão.

O Governo Civil e o quartel do Carmo dum lado, do outro lado as forças atacantes que o Governo pôde mobilizar. Foram os telegrafistas, artilharia e cavalaria da Ajuda que vieram atacar. O movimento logo ali ficou circunscrito. De base popular, sem dúvida, mas sem recursos.

— *Já que falou na Liga Operária de Expropriação Económica (LOEE)⁶², aproveito para lhe fazer algumas perguntas com ela relacionadas. A primeira é se essa Liga chegou alguma vez a existir.*

— Verdadeiramente, não chegou a ter uma função plena: constituiu-se, mandou circulares aos organismos, mas entretanto coincide com o período das lutas em que aparece a União dos Interesses Económicos, que foi uma concentração dos interesses reaccionários, e a luta concentra-se à volta disto, vindo a rematar no 28 de Maio.

— *Segunda pergunta em relação à LOEE. Porque é que resolveram fazê-la?*

— O movimento sindical tem aquela fase inicial em que é a cópia fiel do sindicalismo francês da época — e que está expresso na Carta de Amiens. Os anarquistas não tinham adoptado uma posição específica: aceitaram aquelas posições do sindicalismo francês como meio de dinamizar a acção operária.

É quando(?) começa a discutir-se bem se o sindicalismo tinha a possibilidade inteira de produzir uma sociedade socialista. É quando se começa a definir a corrente anarco-sindicalista e a corrente sindicalista.

Esta continuava crente que a luta sindical se traduzia na conquista das melhorias económicas imediatas; outros aceitavam que o sindicalismo, sim senhor, apesar da sua acção quotidiana económica, procurava tomar posse da produção e, portanto, em bloco, constituía um tipo da sociedade socialista.

Os anarco-sindicalistas entendiam que não, que o sindicalismo era um instrumento para a gestão económica da produção, mas que eram necessários quadros muito mais complexos da vida comunitária, da vida cultural, e, portanto, admitiam uma variedade de tipos de organizações que passavam para além do movimento sindical.

É nessa altura, em 1924, que se realiza aquele congresso dos sindicatos de Lisboa, no Liceu Camões, que adapta as uniões dos sindicatos locais e as transforma em câmaras sindicais do trabalho, dando-lhes maior latitude.

Enquanto as uniões sindicais eram exclusivamente formadas por sindicatos — e portanto tinham uma base sindical na produção —, as câmaras sindicais colocavam-se num tipo de colectividade à imagem do município: baseava-se nos sindicatos, mas subdividia-se numa organização específica por bairros, agrupando todos os trabalhadores e consumidores.

Ora, portanto, a Liga Operária de Expropriação Económica era uma instituição que não só se ia ligar à acção dos intelectuais e dos técnicos — que não tinham via sindical —, como se abria a um mundo mais vasto que os sindicatos.

— *Avanço a seguinte hipótese: a LOEE corresponde a um momento de força dos sindicatos portugueses; por outro lado, nota-se a influência — patente no preâmbulo dos estatutos — dos soviets russos, dos conselhos operários na Alemanha...*

— [...] sim, tudo isso contribuiu.

⁶² Projecto anarco-sindicalista de organização total da sociedade assentando na expropriação generalizada e na gestão colectiva, elaborado no princípio dos anos 20. As bases vêm em Manuel Joaquim de Sousa, *op. cit.*, pp. 122-128.

— Ora a LOEE é um modelo de organização dum país dominado pela classe operária. A hipótese que ponho é esta: será que os dirigentes sindicalistas portugueses, nessa altura, encaravam a hipótese de destruir de facto o poder burguês?

— Ah, sim! Isso não há dúvida! O movimento sindical era animado fortemente por uma militância que encarava a ideia duma transformação revolucionária.

— Vou explicar melhor o que quero dizer. Essa transformação revolucionária era um desejo de vinte ou trinta amigos que sabem que esse desejo é impossível, ou era uma hipótese?

— Sabe que essa hipótese foi avivada até pela própria Revolução Russa. Até porque a ideia da revolução operária esteve viva na Internacional, esteve viva na Comuna de Paris. Depois da Comuna, a possibilidade da revolução operária parecia mais afastada, mas a Revolução Russa dá-lhe um novo vigor. E veja-se que essa ideia revolucionária persiste até à Guerra de Espanha.

É a partir da última guerra que as possibilidades revolucionárias aparecem mais distantes e que, portanto, a possibilidade de realização do socialismo aparece menos condicionada por uma revolução do que por várias transformações conduzindo a soluções parciais.

Quando se constituiu o PCP, um dos *slogans* que adoptou foi este: «A revolução social imediata.» Se for consultar a imprensa comunista da época, vê-se que ele opunha aos anarquistas a revolução social imediata, porque, dizia, os anarquistas preconizam a fraternidade humana e uma perfectibilidade de evolução lenta — quando, afinal, os anarquistas talvez tivessem pecado por terem ido demasiadamente longe no campo da acção revolucionária, individual. Mesmo os comunistas tinham vindo ressuscitar a ideia duma revolução social imediata.

A CONSCIÊNCIA DO PERIGO TOTALITÁRIO

— Depois da formação do Partido Comunista havia alguém, o PC ou a CGT, que tivesse consciência do perigo do regime totalitário, que tentasse, inclusive, propor alguma acção ou alguma forma de...

— Bem, depois de Sidónio há a revolução da Traulitânia, no Porto⁶³, a restauração monárquica, há aquelas lutas todas, e sente-se que há sempre a tentativa de regressar a um estado reaccionário. Mas a coisa até 1920, 21 punha-se na questão do regime: república ou monarquia.

A partir daí é que a coisa toma um carácter económico, social e político diferente; é quando se constitui a União dos Interesses Económicos (UIE), quando se forma a Confederação Patronal, quando aparece já uma luta contrária ao movimento operário, mas marcadamente fascista.

Quando se constitui a UIE, dá-se um forte movimento [popular], tanto que isso se reflecte na ordem política e constitucional com a formação do

⁶³ Designação popular da Monarquia do Norte, proclamada no Porto a 19 de Janeiro de 1919 e que durou 25 dias. A 19 de Janeiro, os monárquicos lisboetas revoltaram-se e acantonaram-se em Monsanto, onde foram derrotados pela mobilização armada da população de Lisboa.

Governo de José Domingues dos Santos⁶⁴, que é chamado pelo Teixeira Gomes⁶⁵ [...]

Todas as forças políticas da direita se concentram ao lado do Partido Republicano para derrubar o Governo de José Domingos dos Santos.

É nessa altura que a Comissão Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, que era um organismo activo, político, promove uma manifestação contrária às forças da União dos Interesses Económicos. E o movimento operário apoia inteiramente [6 de Fevereiro de 1925].

É quando se dá a célebre manifestação. Há uma paralisação total nesse dia e uma manifestação colossal que sai do Terreiro do Paço e vai direita ao Parlamento, o que é uma coisa monstruosa nessa data e que aguenta o José Domingues dos Santos no Governo, porque o Teixeira Gomes o queria manter, e, se não fosse esta manifestação popular, o Governo tinha caído logo.

Claro, as forças de direita fizeram outra vez gorar e soçobrar o Governo. Sentia-se que havia uma tendência para um regime de tipo fascista, visto que o fascismo, nessa altura, já tinha feito o seu aparecimento na Itália.

Os movimentos políticos em Portugal eram vários. Os partidos políticos situavam-se mais à esquerda, mais à direita, e andavam num constante vaivém. Quando o 18 de Abril [de 1925] surgiu, foi o primeiro movimento já militar, viu-se que aparecia juntamente com o Raul Esteves, que era inteiramente monárquico, um Cabeçadas, que era um republicano, e um Filomeno da Câmara, que era também republicano, embora conservador.

Portanto, a organização operária hostilizou logo o movimento de 18 de Abril, declarando a greve geral, movimento que, digamos, foi decidido em algumas horas, mais do que pela acção das forças populares, pela da artilharia civil, quer dizer, foi a bomba de mão de arremesso que decidiu a sorte daquela manhã, no sítio onde está hoje o Hotel Ritz.

Bem. Continua-se a viver naquele período de preocupações. Depois surgem os partidos republicanos a conjurarem-se para fazer derrubar o Partido Republicano Português, que era até então o mais odiado pelas classes trabalhadoras. Porque, se havia partidos com uma tendência mais conservadora, não tinham passado pelo Governo nem tinham atrás de si o caudal de repressões, de violências, que o Partido Republicano Português acumulava.

Portanto, quando o movimento surgiu, o movimento operário ficou indeciso. Não tinha que se pôr ao lado do Governo; não tinha que se

⁶⁴ Nasceu em Matosinhos, em 1885. Deputado de 1918 a 1926. Várias vezes ministro. Primeiro-ministro de 22 de Novembro de 1924 a 14 de Fevereiro de 1925. O seu Governo foi posto em minoria na Câmara devido à oposição da maioria do PRP, dirigida pelo Eng. António Maria da Silva, que discordava do recurso às manifestações de rua e das declarações por vezes demagógicas do primeiro-ministro. José Domingues dos Santos abandonou então o PRP, criando o Partido Republicano da Esquerda Democrática, habitualmente designado por Esquerda Democrática. Abandonou a actividade política após o 7 de Fevereiro. Exilado em França, foi preso pelos Alemães durante a Ocupação. Trabalhou na rádio francesa.

⁶⁵ Portimão, 1860-Bougie, 1941. Escritor. Filho de um exportador algarvio de frutas secas, actividade a que também se dedicou, viajando frequentemente no estrangeiro. Embaixador em Londres (1911-18). Presidente da República (6 de Agosto de 1923), cargo de que se demitiu, auto-exilando-se para o Norte de África (11 de Dezembro de 1925). Amigo de Afonso Costa, não conseguiu persuadi-lo a formar governo. Homem requintado, foi objecto de uma campanha de ódio que não poupou a sua vida privada.

pôr ao lado do movimento. Há uma perplexidade que é motivada por esta circunstância.

O Governo não nos interessa, quanto à revolução, não sabemos o que há, mas temos dúvidas, porque, se ela vem aparecer em Braga e vem chefiada pelo Gomes da Costa, a nós o Gomes da Costa não nos inspirava confiança nenhuma, muito embora soubéssemos que ele era do Partido Radical.

Dai a organização operária marcou logo a sua oposição ao movimento. Mas é quando ele começa a descer de Braga para baixo que a organização operária começa a movimentar-se.

Mas não esqueçamos que há um fenómeno aqui que é de uma grande importância. O 18 de Abril produz-se em Lisboa no ano anterior e é jugulado mais pelas forças populares do que pelas forças militares, porque as forças militares que apoiavam o Governo não tiveram uma acção decisiva, mas sim uma acção de retardamento. A acção popular é que decidiu.

Porque é que o movimento [militar do 28 de Maio], depois, se vem a produzir em Braga? Uma cidade que não era industrial, num ponto extremo do País, afastada dos centros operários que eram Lisboa, Porto, Covilhã, Setúbal e pouco mais? O movimento é amparado na retaguarda por uma Espanha em que nessa altura estava o Primo de Rivera, que era uma ditadura [1923-30] e ampara-se no campo, na parte agrária do País.

Portanto, é quando o movimento avança que a organização operária começa a apoiar-se nos meios industriais para se opor ao movimento. Mas já estávamos em condições de inferioridade. Os próprios republicanos, todas as forças de esquerda, estavam a apoiar o movimento.

Até o próprio Ramada Curto, que era o líder do Partido Socialista, publica, pouco depois do 28 de Maio, um artigo na imprensa em que diz que o País se apresenta num estado económico caótico, desequilíbrio financeiro e tal..., e portanto é preciso restabelecer um certo equilíbrio, oxalá que seja nesta oportunidade.

Portanto, as forças da esquerda estavam divididas.

6. TRABALHO E TEMPOS LIVRES

HORÁRIO DE TRABALHO

— *Qual era o horário de trabalho?*

— Bem, em 1919 a classe operária conseguiu, por meio de greves e acções revolucionárias, o horário das 8 horas de trabalho. Já havia este horário antes, mas só em 1919 se tornou lei para todo o País. Em 1909 trabalhava-se 12 horas. Recordo-me ainda como se conseguiram as 10 horas de trabalho, por volta de 1914.

Só numa altura em que a organização [sindical] tinha bastante força, em 1919, é que houve um ministro socialista, o Augusto Dias da Silva⁶⁶, que promulgou a lei das 8 horas de trabalho e a tornou obrigatória para todo o País. Trabalhava-se ao sábado todo o dia.

⁶⁶ 1887-1928. Filho de um industrial dos arredores de Lisboa. Personalidade aliciante, cantor de fado, não lhe sobrava distinção intelectual. Combatente de Monsanto. Ministro socialista do Governo Domingos Pereira, um dos governos de esquerda da «nova República velha». Aprovou também a Lei dos Seguros Sociais.

A semana inglesa só lá para 1936 é que aparece, e quase como concessão dos empresários, devido aos hábitos de vida estrangeiros.

— *Qual era a posição dos sindicatos sobre as horas extraordinárias?*

— A conquista das 8 horas gerou na classe operária uma animosidade às horas extraordinárias. E todas as tentativas patronais contra as 8 horas foram feitas sempre a partir das horas extraordinárias. Houve uma empresa, a CUF, que conseguiu sempre impor as horas extraordinárias. Mas, duma maneira geral, os sindicatos eram contra. Por lei, elas deviam ser pagas a 100 % e eram-no, efectivamente. A legislação do Dias da Silva é que vem consolidar estas reivindicações dos sindicatos.

— *Os patrões exigiam um ritmo de trabalho particularmente penoso?*

— Sim, as condições de trabalho eram penosas. Em grande parte, porque as profissões eram artesanais e não havia mecanização em grande escala.

Havia, por vezes, crises de desemprego. Nomeadamente em 1891 houve uma crise que deu bastante força à organização operária.

Havia a dignidade profissional. É que ser operário exigia uns anos bons de aprendizagem profissional. Hoje, essa aprendizagem é rápida. Portanto, o indivíduo adquiria um orgulho profissional e fazia questão de ser um operário categorizado.

A distinção que faço entre o ambiente operário hoje e antigamente é que hoje o operário não tem dignidade profissional, esses problemas não o preocupam. Hoje, mercê da organização corporativa, o operário que tem a reclamar vai reclamar ao sindicato...

Dantes, se havia que reclamar, não se ia ao sindicato, era no próprio local de trabalho que se reclamava. Se alguém não se portava dignamente, eram os outros que o criticavam. Hoje não. Hoje, se alguém tem um problema, ninguém se preocupa com isso.

— *O patrão exigia, sob a ameaça do desemprego, uma quantidade de trabalho excessivo?*

— Não, durante muitos anos lutou-se sempre contra o trabalho de empreitada. E isso dependia também da força dos sindicatos, do poder reivindicativo dos operários.

— *E trabalho infantil?*

— Havia muito trabalho infantil porque, em geral, tinha que haver aprendizagem, e então os rapazes iam para as oficinas. Chegava-se a começar aos 10 anos. Nas primeiras lutas operárias exigiu-se a idade mínima de 14 anos para os aprendizes.

— *Numa família operária quem é que trabalhava?*

— Trabalhava quase tudo, menos a mulher. Se bem que em certas indústrias predominasse a mulher, como nos tabacos. Mas, em geral, não havia o hábito do trabalho da mulher. O trabalho desta era pior pago e uma das reivindicações sindicais era a igualdade de salários.

TEMPOS LIVRES

— *Quais eram os tempos livres dos operários?*

— Os únicos tempos livres eram o domingo e a noite. Hoje há meios de transporte para todos os lados da cidade. Nesse tempo, os militantes operários tinham tempo para ir para os sindicatos, para as reuniões, e iam a pé. Os sindicatos tinham vida activa. Nesse tempo ia-se a pé do Poço do Bispo para a Calçada do Combro, para as reuniões sindicais.

— *Como eram as férias?*

— Não havia férias! Só nos últimos anos é que apareceram. Só os funcionários do Estado é que as tinham, nesse tempo. Reivindicava-se, é claro, mas ninguém pensava nisso.

— *O que é que os operários faziam à noite?*

— Em geral iam à sociedade recreativa, à taberna ou ao sindicato, ou então ficavam na rua a conversar. Deitavam-se cedo, aí pelas 10, 11 horas.

— *Os comícios faziam-se ao domingo?*

— Aos domingos e aos dias de semana. Por vezes às horas de trabalho, como os do 1.º de Maio ou nas alturas em que havia agitação. Parava-se o trabalho e ia-se ao comício. Os comícios republicanos é que eram geralmente à noite.

A VIDA DE BAIRRO

— *Quais eram as associações e colectividades mais difundidas?*

— Havia uma coisa influente nessa época, que eram as bandas musicais. Isto dava um ar festivo aos bairros, ao domingo. A banda saía, fazia as suas audições. Havia estímulo pela banda local. Não havia a bola. O operário tinha a taberna ou então as associações de classe, os sindicatos. O operário, como não tinha mais nada, vivia muito a vida sindical e política.

Ao domingo, além disto, só havia o passeio às hortas, que começa a decair com a guerra de 14-18. Depois começa o êxodo da província para Lisboa. Começam também a aparecer os pequenos cinemas. Mas, porque na maior parte dos bairros não havia salas de cinema, os operários não pensavam muito em ir ver cinema.

O que desempenhava grande papel eram as sociedades recreativas, e actualmente há muito menos sociedades recreativas. O operário fazia a sua vida dentro do bairro. Depois da semana de trabalho era solicitado ou para as sociedades recreativas, ou para o sindicato, ou para a taberna, ou para o passeio domingueiro.

Ninguém, em geral, viajava.

Com a primeira guerra mundial há, de facto, o início duma época absolutamente diferente. Eu recordo que, em garoto, a minha vida era a vida do bairro e via toda a gente fazer aquela vida de convivência.

Só depois disto é que a cidade se dilata e, com ela, os meios de transporte.

Também a mulher começa a sair de casa depois da guerra. Os primeiros trabalhos para ela foram os telefones.

Era muito frequente o operário trajar de ganga, mesmo ao domingo. O fato de fazenda era ainda uma coisa pouco vulgar. As fazendas eram bastante caras. De resto, havia um espírito de classe e o fato de ganga era uma espécie de uniforme honroso.

A ESCOLA DO SINDICATO METALÚRGICO

— *Sabemos que frequentou a escola do Sindicato dos Metalúrgicos. Como é que nessa altura era o ensino para operários... especial?*

— Sim, naquela altura vivia-se muito aquela experiência da «escola moderna» em Espanha, de Francisco Ferrer, e o movimento sindical aqui começou por fazer várias tentativas de «escola moderna», no género da

escola moderna espanhola. Alguns sindicatos fizeram escolas próprias para os seus associados.

A primeira escola que eu frequentei foi a da Confederação Metalúrgica, mantida pelas associações, porque nessa altura ainda não havia sindicatos de indústria, eram associações profissionais. A Confederação Metalúrgica, era a reunião dos diversos sindicatos profissionais constituintes da indústria metalúrgica. E eu fui aluno de uma escola dessas.

— *Essa escola como é que era? Tinha o mesmo programa que as outras, tinha...*

— Não, tinha era outro ambiente, não havia a severidade da carteira, do professor, da distância; havia um ambiente de confraternização entre as crianças e os professores; cantavam-se canções — uma delas era a *Escola Moderna*, com o hino d'*A Internacional*, de que eu não retenho senão as primeiras palavras:

*Ó pai que amais as criancinhas
Com amor idolatrado,
Olhai para o voo das avezinhas*

E já não me recordo de mais nada.

— *Exactamente. Eram só escolas primárias ou também...*

— Eram só escolas primárias.

— *E os professores, quem eram?*

— Eram, no geral, pessoas atraídas pelas ideias, simpatizantes que vinham. Houve um homem bastante notável no movimento operário, um professor primário, Afonso Manaça, que era de uma organização dos professores, a União do Professorado Primário, que chegou a ser aderente à CGT.

Mas não houve, vá lá, um movimento pedagógico capaz de preparar essas pessoas. Eram boas vontades que apareceram. No entanto, algumas dessas escolas ainda tiveram um certo valor.

A ESCOLA-OFICINA N.º 1

[...] Agora a escola que eu depois fui frequentar já foi outra; foi a Escola-Oficina n.º 1, uma iniciativa feita em 1908 por vários professores, uns de tendência anarquista, outros republicanos, e que fundaram a Sociedade Promotora das Escolas, que era no Largo da Graça, ainda há lá o edifício. A escola era financiada pela Maçonaria.

A escola hoje está limitada só a meninas, porque, depois daquela lei de supressão da coeducação dos sexos, a escola foi obrigada a optar. Optou pelo sexo feminino, não sei porquê, talvez por ser mais fácil de manter, ou coisa assim...

Essa escola é que era em moldes absolutamente diferentes: não havia carteiras, as aulas eram a mesa redonda com cadeiras, o professor sentava-se em qualquer cadeira com os alunos e as aulas eram dadas em perfeito convívio.

Todos andávamos com um bibe branco, quer rapazes, quer raparigas, quer professores, quer professoras. No refeitório, toda a gente se sentava à mesa, em cada mesa um professor com quem a gente conversava.

[...] Tinha também a parte oficial, em que tanto nós como as raparigas aprendíamos a manejar matérias-primas. As raparigas iam para a

oficina de marcenaria, mas nós também íamos para a costura. [...] Não seguia os programas oficiais.

E dessa escola saíram alguns valores bastante notáveis: o Manuel Mendes, que foi do meu ano, o Francisco Mendes, que era um ano atrás, o Tagarro, que era dois, não, três anos à minha frente, o Adelino Nunes, esse era um ano a seguir a mim, e muitos outros, como o Leopoldo de Almeida ⁶⁷, que foi meu condiscípulo na escola. Portanto saiu uma geração bastante curiosa dessa escola.

— *Quais as diferenças de programa?*

— Havia diferença. A primeira coisa que destaco é esta, nunca aprendi o alfabeto. O alfabeto apareceu-me na cabeça depois, não sei como nem porque não. A gente aprendia as letras por convívio com brinquedos e aprendíamos a ler e a escrever, com letras de cartão compúnhamos as palavras e depois é que se escrevia no quadro. A gente é que ia procurar o brinquedo que nos apetecia para fazer a lição sobre esse brinquedo.

É curioso. Uma das professoras dessa escola, ainda hoje viva, D. Deolinda Lopes Vieira, que era a esposa do Pinto Quartim, foi a professora que me ensinou a ler e a escrever; ainda hoje sou colega do filho, e vejo-a com certa simpatia.

De resto, depois não havia compêndios, não havia exames, a gente aprendia nas aulas, no convívio com os professores, as lições eram dadas sem sebatas, sem coisa nenhuma. Não havia nada dessas coisas. Não havia exames... Os professores é que nos classificavam e a gente ia seguindo os anos sem haver exames, sem nada, não cabia sequer na cabeça, não é...

GRUPOS DRAMÁTICOS E CEGADAS

— *As actividades educativas dos sindicatos foram significativas?*

— Foram bastante notáveis. Por exemplo: nós, nos últimos anos, é que temos instrução primária desenvolvida. A República deu-lhe um certo impulso, mas não foi por aí além. Por isso era frequente os sindicatos montarem escolas para os filhos dos sócios. Eu até recordo que a primeira escola que frequentei — também só lá andei quinze dias — era uma escola da Confederação Metalúrgica — o meu pai era metalúrgico. E havia muitas: os sindicatos, no geral, tinham escolas primárias para os filhos dos sócios.

Depois, era raro o sindicato que não tivesse uma biblioteca, ainda que fosse pequenina.

E tinham a preocupação de fazer teatro, de fazer grupos dramáticos, festas de convívio entre os sócios.

E aqui em Lisboa houve a Universidade Popular Portuguesa, ali em Campo de Ourique, na Rua Luís Derouet, na Cooperativa Padaria do Povo; então tinha secções: era uma coisa muito valiosa. Muitos sindicatos constituíam secções da Universidade Popular e realizavam-se palestras frequentes nas sedes dos sindicatos e em Campo de Ourique.

Havia até grupos dramáticos de sindicatos bastante curiosos, como o da Construção Civil. Alguns apareciam com certo vulto nas sociedades

⁶⁷ 1899-1975. Escultor oficial do Estado Novo. Autor do Padrão dos Descobrimentos, Belém.

de recreio. E até saiu do meio sindical o seguinte: o Araújo Pereira ⁶⁸ — que era um homem de teatro, encenador, anarquista —, cuja filha, Emília, foi quem traduziu parte dos livros da colecção sociológica da Guimarães, fez o Teatro Juvénia e a Escola de Teatro Araújo Pereira e recrutou alguns dos seus elementos nos meios operários. O Teatro Juvénia e a Escola funcionaram com subsídios dos sindicatos, que o ajudavam muito; e o Araújo Pereira, por sua vez, trazia os seus alunos a representar nas sedes dos sindicatos.

E uma das coisas que exerciam um grande atractivo eram as cegadas.

[...] Os grupos dramáticos vulgarizaram-se muito nos meios operários e desempenhavam uma acção de propaganda. Na época do Carnaval faziam-se também as cegadas. Havia figuras célebres das cegadas: o Anarquista, o Capitalista... Os diálogos entre essas figuras eram, por vezes, célebres. E tudo isto era feito só por operários.

— *Mas eram dirigidos por encenadores profissionais?*

— Não, não. Eram todos operários!

— *O que é que representavam?*

— Obras de Manuel Laranjeira ⁶⁹ e diversos autores estrangeiros. Peças de carácter social. Eram representadas nas sociedades recreativas e nos próprios sindicatos. O Grupo Dramático Solidariedade Operária era uma coisa numerosa. Teve uma acção bastante grande.

Havia o Grupo Dramático de Belém, da Construção Civil, no Poço do Bispo também havia.

— *De que altura datam os grupos dramáticos?*

— Vêm de muito longe. Quando eu era garoto, eles já existiam. As peças eram todas de carácter social.

O fado era também uma coisa interessante. Os primeiros homens do fado vieram dos meios operários. O Manuel do Intendente, o Marceneiro, o poeta do fado, muito considerado, Linhares Barbosa... Cultivava-se o fado e ele era um veículo de propaganda.

A seguir à fase do marialvismo, o fado tem uma fase de propaganda social, a partir de 1910. O João Blacke ⁷⁰ e outros poetas populares dão ao fado, a partir dessa altura, um carácter revolucionário. Cantava-se nos sindicatos, nas sociedades recreativas, nas tabernas, nas ruas. Os operários sabiam muitas letras de cor.

Até houve um fado que me foi dedicado. Está publicado na *Guitarra de Portugal*, revista onde se publicavam letras de fados.

Ainda sobre teatro, era muito vulgar o operário ir ver teatro profissional. O dramalhão, a tragédia, tinham muita aceitação. Havia o gosto de ir ao teatro. Cultivava-se muito o amador dramático. Tanto que muitos profissionais vieram das camadas populares. E muitos actores simpatizavam com o movimento sindicalista. O Alves da Cunha ⁷¹ era assinante do jornal das Juventudes Sindicalistas.

⁶⁸ 1871-1941. Actor e encenador. Co-fundador do Teatro Moderno (1905). Lançou, entre outros, Aura Abranches e Alves da Cunha.

⁶⁹ Vila da Feira, 1877-Espinho, 1912. Médico e polígrafo. Influenciado por Schopenhauer e Dostoiévski, foi amigo de Unamuno.

⁷⁰ Pseudónimo de João Salustiano Monteiro. 1872-1955. Tipógrafo. Poeta popular. Autor do hino d'A *Batalha*.

⁷¹ 1889-1956. Actor naturalista. Estreia-se em 1912.

A UNIVERSIDADE POPULAR PORTUGUESA

— *Podia falar um pouco mais da Universidade Popular?*

— Essa foi muito frutuosa. A Universidade Popular foi criada talvez em 1919. Foi o Ferreira de Macedo ⁷²; aquele professor de Matemática, o Mira Fernandes ⁷³; o Bento Caração; o Avelino Cunhal, pai do Álvaro Cunhal; foi uma obra notável que teve uma influência muito grande, visto que disseminou uma cultura popular bastante preciosa.

Tinha secções nos sindicatos; faziam-se palestras, sessões, cursos intensivos, curso sem rigor de programas e em que uma pessoa tomava um tema e fazia várias lições em vários dias, ia dissertando.

Recordo até uma bastante curiosa feita pelo Domingos Monteiro sobre história universal, foi bastante curiosa. E outra muito curiosa de que me recordo foi do Sérgio, do António Sérgio ⁷⁴, e era sobre as canções da Marinha francesa.

Era a D. Ema Romero Câmara Reis ⁷⁵ com o seu grupo musical que tocavam e cantavam aquelas canções e depois o Sérgio fazia a interpretação das canções. Explicavam as fainas marítimas, as fainas de bordo, as várias razões que motivaram aquelas canções e muitas outras coisas.

Teve uma acção muito notável. E tinha uma biblioteca prodigiosa, que está hoje na Voz do Operário.

— *Como é que veio a acabar?*

— Logo após o 7 de Fevereiro, a imprensa reacçãoária começou a fazer uma campanha contra a Universidade Popular, que era dissolvente. Mas ela era uma instituição que estava legalizada, que tinha os seus estatutos oficiais, continuava a fazer as suas sessões, mas iam-lhe criando certas dificuldades...

COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO

— *Conhece casos de autogestão ou de cooperativas de produção?*

— Não tenho conhecimento de casos de autogestão além das cooperativas de produção. Destas houve bastantes, algumas de bastante duração. A Cooperativa A Social, dos chapeleiros, durou bastantes anos. Mas muitas outras soçobraram com facilidade. Houve uma de grande categoria, a Indústria Social ⁷⁶, uma oficina metalúrgica, que era aquele edifício todo onde é hoje a Garagem do Conde Barão.

As cooperativas de produção tendem sempre a ter um mau fecho, porque suscitam um desejo de lucro, restringem a empresa a uma minoria e transformam-se numa sociedade capitalista. E a Indústria Social veio a acabar desta forma.

⁷² Nasceu em Mesão Frio, em 1887. Professor catedrático de Matemática do IST.

⁷³ Minas de São Domingos, 1884-Lisboa, 1958. Professor de Matemática do IST e ISCEF (1911-54). Membro da Academia das Ciências de Lisboa.

⁷⁴ 1883-1969. Prosador de ideias.

⁷⁵ Nasceu em Faro. Pianista, cantora e musicóloga. Consagrou a fortuna e o gosto à divulgação musical. Revelou em Portugal, entre outros, os músicos do Grupo dos Seis. Organizou muitas centenas de concertos. Era casada com o ensaísta e «seareiro» Luís Câmara Reis.

⁷⁶ Fundada em 1872, com a colaboração de José Fontana e do general Sousa Brandão. Cf. César Nogueira, *Notas para a História do Socialismo em Portugal*, vol. 1, p. 333.

CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

— *Quais eram as condições de habitação?*

— As casas de bairro eram, em geral, antigas. E não havia escassez de habitação. Se se queria mudar de casa, mudava-se sem grandes dificuldades. O que era pior era a renda da casa, que era cara. E, o que é pior, até à República, a renda pagava-se semestralmente. Foi uma lei do Afonso Costa que acabou com isso, o que lhe deu bastante popularidade.

Depois, com a guerra, veio muita gente da província para a cidade e o problema foi-se agravando. As casas, geralmente, tinham quatro ou cinco divisões, sem casa de banho, que era muito rara. A renda da casa, em 1920, andava pelos 50, 70 escudos.

Bairros construídos expressamente para os operários havia poucos. Havia um, e há, em Sapadores, construído por uma coisa meio cooperativa, meio empresa industrial, a Companhia Geral de Habitação.

Houve depois os Bairros Sociais do Arco do Cego e da Ajuda, que foram uma iniciativa de 1920, quando os socialistas estavam no poder. O Bairro Social do Arco do Cego é copiado do Bairro Karl Marx, de Viena, construído quando a municipalidade desta cidade era socialista. Depois que veio o Estado Novo, aquilo foi entregue aos apaniguados do Salazar.

Bairros de lata também existiam na época. O Casal Ventoso, por exemplo.

DOENÇA, VELHICE, ACIDENTES DE TRABALHO

— *Três perguntas concretas: um operário tinha tuberculose, um operário tinha 70 anos e já não podia trabalhar e um operário tinha um acidente do trabalho. O que é que lhes acontecia?*

— Bem, uma das conquistas operárias foi a lei dos acidentes de trabalho. A lei foi feita, mas houve sempre lutas com as companhias de seguros, porque a influência destas era grande. Mas punham-se as questões no tribunal e fazia-se agitação. Hoje, apesar de tudo, os acidentes de trabalho são piores do que nessa altura.

Quando um operário adoecia, havia o recurso às associações mutualistas, que estavam muito em voga nessa época.

Para a velhice não havia nada. Não havia reforma. O que acontecia aos operários velhos era irem viver com a família, ou então da caridade pública.

— *Como eram constituídas as famílias operárias?*

— Geralmente, além dos pais, uma média de quatro filhos e uma ou duas pessoas idosas.